

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO-PROG  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE COLINAS- CESCO

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM  
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

COLINAS-MA

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO-PROG  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE COLINAS- CESCO

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM  
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO

(Portaria nº 01/2015)

Professora Especialista Francisca Pereira da Silva Meneses

Professora Especialista Maria Helena Ribeiro Pereira

Professor Mestre Fernando Oliveira Piedade

Especialista Maria de Jesus Ramos

COLINAS-MA

2015

DENOMINAÇÃO DO CURSO: Letras

ÁREA: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

PERÍODO DE INTEGRALIZAÇÃO:

Mínimo: 04 (quatro) anos

Máximo: 08 (oito) anos

REGIME LETIVO: Regular

TURNO(S) DE OFERTA: Noturno

VAGAS AUTORIZADAS: 30 vagas

CARGA HORÁRIA DO CURSO: 3.195

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS: Anexo I

DISCIPLINAS OPTATIVAS: Anexo II

ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: Ensino Fundamental e Ensino Médio

ATIVIDADES COMPLEMENTARES: (AC)

ATIVIDADE ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAL (AACC):

TÍTULO ACADÊMICO: Licenciado em Letras

**DADOS INSTITUCIONAIS:**

NOME DA INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

CNPJ:06.352.421/0001/68

SITE: WWW.UEMA.BR

CENTRO: Centro de Estudos Superiores de Colinas - CESCO

ENDEREÇO: Avenida Dr. Osano Brandão nº 511 centro, Colinas-MA, CEP. 65690-000

TELEFONE: (99) 3552 1845

E-MAIL: cesco\_colinas@hotmail.com

## **ESTRUTURA DE GESTÃO**

### **Reitor**

Prof. Dr. Gustavo Pereira da Costa

### **Vice-Reitor**

Prof. Dr. Walter Canales Sant'ana

### **Pró-Reitora de Graduação**

Prof<sup>a</sup> Dra Andréia de Araújo

### **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Prof. Dr. Marcelo Cheche Galves

### **Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Estudantis**

Prof. Dr. Porfirio Candanedo Guerra

### **Pró-Reitor de Planejamento**

Prof. Dr. Antônio Roberto Coelho Serra

### **Pró-Reitor de Administração**

Prof. Dr. Gilson Martins Mendonça

### **Diretora do Centro de Estudos Superiores de Colinas – CESCO**

Prof<sup>a</sup>. Esp. Maria Helena Ribeiro Pereira

### **Diretora do Curso de Letras Portuguesa**

Prof<sup>a</sup> Esp. Francisca Pereira da Silva Meneses

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>9</b>
<b>3. CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA UEMA .....</b>	<b>10</b>
<b>4. O CURSO: PROPOSTA E PERSPECTIVAS .....</b>	<b>13</b>
4.1. FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS .....	13
4.2. FUNDAMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS .....	19
4.3. FILOSOFIA EDUCATIVA DO CURSO .....	19
4.4. PERFIL DO EGRESSO .....	21
4.5. OBJETIVOS DO CURSO .....	21
4.6. TITULAÇÃO CONFERIDA PELO CURSO .....	22
4.6.1. Habilidades e competências a serem desenvolvidas: .....	22
4.7. DESAFIOS DO CURSO .....	23
4.9. NORMAS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO .....	25
4.9.1. Estrutura Pedagógica .....	25
<b>5. GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO .....</b>	<b>26</b>
5.1. COLEGIADO DO CURSO .....	27
5.2. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE) .....	27
5.3. USO DOS RESULTADOS NAS AVALIAÇÕES NA MELHORIA DA QUALIDADE DO CURSO .....	28
<b>6. CURRÍCULO DO CURSO .....</b>	<b>29</b>
6.1. ESTRUTURA CURRICULAR .....	30
6.2. CARGA HORÁRIA .....	32
6.3. DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA .....	32
6.4. DISCIPLINAS DO NÚCLEO COMUM PARA LETRAS (DNC) .....	33
6.5. DISCIPLINAS LIVRES .....	33
6.6. EMENTÁRIOS E REFERENCIAIS DAS DISCIPLINAS DO CURSO .....	33
6.7. PRÁTICAS COMO COMPONENTE CURRICULAR INVESTIGATIVO .....	68
6.8. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO .....	69
6.9. ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS .....	70
6.10. OUTRAS ATIVIDADES CURRICULARES .....	71

6.11. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSOS – TCC.....	71
<b>7. RECURSOS HUMANOS .....</b>	<b>72</b>
7.1. DOCENTE .....	73
7.2. CORPO TÉCNICO ADMINISTRATIVO.....	75
<b>8. ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS .....</b>	<b>76</b>
<b>9. INFRAESTRUTURA DO CURSO.....</b>	<b>77</b>
9.1. SALA DE AULA .....	77
9.2. SALA DE PROFESSORES .....	77
9.3. SALA DE DEPARTAMENTO.....	77
9.4. SALA DE DIREÇÃO DE CURSO.....	78
9.5. OUTROS ESPAÇOS UTILIZADOS PELO CURSO .....	78
<b>10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>
APÊNDICES	
ANEXOS	

## **1. APRESENTAÇÃO**

A UEMA, desde 1999, repensa o PLANO UEMIANO DE GRADUAÇÃO, cujo objetivo maior é a valorização dos Cursos via revitalização do ensino, o que impõe uma reorganização curricular urgente prevista nas Diretrizes Curriculares, sob a égide da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96. Tal processo se constitui condição indispensável para as Instituições de Ensino Superior (re) afirmar seu papel de formadoras de profissionais preparados para o exercício da cidadania e qualificadas para o trabalho numa realidade em que as mudanças científicas, econômicas e sociais se dão de forma rápida e continuada.

Nesse contexto, uma das ações que se impõe naturalmente, sob recomendação no Plano Uemiano de Graduação é a elaboração do Projeto Pedagógico do Curso por todos aqueles que compõem a comunidade acadêmica, de modo que todos sintam-se partícipes do processo educacional e assumam responsabilidades para a efetivação e concretização do Projeto.

Resultado de um trabalho coletivo, o Projeto Pedagógico do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Colinas-CESCO tem um trabalho desafiador, em que pese refletir sobre as dificuldades e propor ações estratégicas para a melhoria do Curso. Por essa razão, discutem-se os óbices sob uma base epistemológica de cunho social, político, cultural e linguístico, visando uma ação pedagógica sólida para o curso de Letras Licenciatura do CESCO/UEMA.

Inicialmente, são apresentados os itens que constituem o corpo Histórico e Geográfico da UEMA, Proposta e Perspectivas do Curso, Objetivos, Os desafios a serem superados a médio e em longo prazo, Gestão Acadêmica do Curso, Currículo do Curso, os Projetos Pedagógicos que vão embasar os pressupostos epistemológicos e socioculturais, as intencionalidades do corpo administrativo, recursos humanos, a infraestrutura do espaço físico.

O curso de Letras caracteriza-se por estabelecer uma reflexão crítica voltada para os fenômenos da linguagem em todas as suas manifestações. O licenciado em Letras poderá, além de dedicar-se à docência no ensino de nível fundamental, médio ou superior e às atividades de pesquisa, vir a desempenhar outras funções na sociedade, como editoração, produção de textos, crítica literária, tradução e demais profissões que exigem conhecimento de línguas.

## 2. JUSTIFICATIVA

Nos últimos anos, tem sido intenso o debate em torno da exigência de elaboração dos Projetos Pedagógicos dos cursos de graduação. Todas as IES-Instituições de Ensino Superior frente às novas mudanças e exigências que estão ocorrendo no ensino brasileiro (educação básica e superior), a partir da atual LDB (Lei 9394/96), apresentam propostas pedagógicas comprometidas com a formação e a atuação do professor. Daí a discussão sobre o papel da língua, em um contexto em que seu uso tem sofrido influências diretamente dos aparelhos ideológicos do Estado, sobretudo, os midiáticos.

Nesse contexto, deve-se mencionar que cabe à Universidade a função inalienável de compreender os usos da língua e, ao mesmo tempo, acomodar as outras linguagens, no cenário amplamente heterogêneo, semiotizado, dinâmico e de constante transformação. Portanto, um professor da área de Letras deve ter uma formação que lhe forneça a visão crítica que o capacite a dialogar com outras culturas e com as diversas formas de comunicação emergentes, investigando e descrevendo o papel da linguagem, sem, contudo, deixar de reconhecer e ensinar as normas que regem o padrão culto da língua materna.

Esse ensino deverá ser permeável à diversidade linguística e suas manifestações, uma vez que o homem traz consigo experiências, informações e influências do espaço local, pois todo o homem é um sujeito que influencia e é influenciado, trazendo habilidades linguísticas já adquiridas. Por isso, é essencial para a formação da cidadania, a valorização da história, cultura e artes a ampliação e o conhecimento da diversidade linguística, bem como o domínio da linguagem verbal ou não verbal.

Assim sendo, o Projeto Pedagógico do Curso de Letras, impõe uma resignificação de seus paradigmas, buscando uma qualificação dos discentes para que possam atuar com propriedade sobre as práticas sociais da leitura e da escrita. Nesse sentido, torna-se necessária a superação das fronteiras de informação, objetivando a formação de um sujeito crítico, a melhoria no processo ensino-aprendizagem e profissionais capacitados para atuar com propriedade no campo da linguística e na literatura.

Tal visão exige como um projeto pedagógico com bases sólidas, comprometido com a qualidade do Curso Letras e com a formação de professores capacitados para compreender que vivem em um mundo globalizado. Assim sendo, justifica-se o referido projeto em função da (o):

- ✓ A formação global e visão interdisciplinar;
  - ✓ A articulação entre teoria e prática;
  - ✓ O predomínio da formação sobre a informação;
  - ✓ A capacidade para lidar com a construção do conhecimento de maneira crítica;
  - ✓ O desenvolvimento de conteúdos, habilidades e atitudes formativas;
  - ✓ A adequação de diferentes linguagens;
  - ✓ A isenção para combater o preconceito linguístico;
  - ✓ O interesse em conhecer todas as manifestações linguísticas;
  - ✓ O incentivo à pesquisa, a partir da graduação, de modo a capacitar o futuro profissional a exercer sua profissão com base na investigação e análise;
- ✓ A formação do professor-leitor, de forma a reproduzir em seus alunos o prazer pela leitura e a reconhecer a importância desta para a ampliação de um conhecimento enciclopédico.

Por todas as razões mencionadas, acredita-se que o Projeto Político Pedagógico da UEMA de Colinas apresenta todos os elementos teóricos, procedimentais e metodológicos para sua aprovação, visto que se fundamenta nos princípios que objetivam o trabalho em equipe e o favorecimento do diálogo, do respeito às diferenças sociais e da conscientização da cidadania, comprometido com a formação e o exercício da prática docente-educativa.

### **3. CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA UEMA**

O Estado do Maranhão com uma população de 6.569.683 habitantes, de acordo com o último censo IBGE (2010)<sup>1</sup>, ocupando uma área de 33.366 km<sup>2</sup> é o segundo maior da Região Nordeste, possuindo a maior diversidade de regiões ecológicas dentre todos os estados que compõem esta região. Sua proximidade ao Equador faz com que apresente temperaturas elevadas, com médias anuais em torno de 24° C.

A grande diversidade dos ecossistemas presente no Estado aliado às potencialidades da Pré-Amazônia e dos cerrados maranhenses, a grande extensão das várzeas, os campos inundáveis, as bacias fluviais, as restingas e suas reentrâncias, a diversidade das frutas nativas e plantas medicinais, a aptidão agrícola alicerçadas nas excelentes condições

---

<sup>1</sup>Sinopse do Censo Demográfico 2010 - IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

agroedafoclimáticas e as suas riquezas naturais permitem afirmar que o Maranhão é um Estado com fortes características para a exploração do agronegócio em toda sua extensão e complexidades. Portanto, o Maranhão, assim como os demais estados brasileiros passa por um processo de urbanização que, embora lento gira em torno de 60%, de acordo com o último censo do IBGE (2010) possibilitando afirmar que há um contingente representativo na área rural.

Este é um fator que credencia o Estado a ter êxito em quaisquer atividades rurais ou voltadas para o contexto rural, que tenham como objetivo o cenário social, econômico e ambiental. Vislumbra-se nessa afirmação que a população com fortes vínculos com a atividade rural, apoiada em uma eficiente e coerente política agrícola, pode alavancar a economia local. Quando se volta para as atividades econômicas como um todo, a potencialidade produtiva do estado requer profissionais capacitados capazes de transformar esse potencial em produtividade, onde vivenciam as rápidas transformações promovidas pela globalização e pela tecnologia que ocupa com grande velocidade, as técnicas produtivas.

Neste contexto, o município de Colinas-MA, a 430 km da capital, requer uma educação de nível superior em diversas áreas, no sentido de corroborar com o desenvolvimento das potencialidades maranhenses. A Universidade Estadual do Maranhão tem um contribuído efetivamente com a elevação desenvolvimentista de qualidade no estado com sua expansão territorial.

A Universidade Estadual do Maranhão teve sua origem na Federação das Escolas Superiores do Maranhão- FESM, criada pela Lei Estadual n. 3.260 de 28 de Junho de 1972, sob a forma de Associação, com sede em São Luís, congregando as seguintes escolas: Escola de Administração do Estado do Maranhão, Escola de Agronomia do Maranhão e Faculdade de Educação de Caxias. No dia 30 de Janeiro de 1981, a Federação das Escolas Superiores do Maranhão é transformada em Universidade Estadual do Maranhão, através da Lei Estadual 4.400/81, sob a forma de Autarquia de natureza especial com autonomia didático – científico disciplinar, administrativa e financeira, vinculada à Secretaria de Educação do Estado do Maranhão e mantida pelo Governo Estadual.

A Universidade Estadual do Maranhão tem por finalidade promover o desenvolvimento integral do homem, cultivar o saber em todos os campos do conhecimento, em todo o Estado do Maranhão, razão pela qual tem firmado um compromisso com a sociedade maranhense no sentido de programar uma política educacional de graduação e de formação continuada dos professores da rede pública e privada, de modo a minimizar o

quadro deficiente de educação no Estado e aperfeiçoar o ensino que, de acordo com os índices oficiais, ocupa um patamar comprometedor dos ideais de desenvolvimento.

Mediante essa responsabilidade, o Curso de Letras Licenciatura Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, visam a contribuir com a formação de professores para atuarem no Ensino Fundamental e Médio, por isso constitui condição *sinequa non* o domínio efetivo da língua oral e escrita para o exercício da interação social, da comunidade e da cidadania.

Os avanços da Linguística, da Sociolinguística, da Análise do Discurso e das Teorias da Literatura tem minimizado o problema de ordem teórica dos Cursos de Letras que é a concepção de linguagem adotada, no bojo da qual estão inseridas as questões: o que ensinar, a quem ensinar, de que maneira ensinar, o que é ensinar e o que é aprender uma língua.

Importa ressaltar que a interiorização foi intensificada a partir do Programa de Capacitação de Docente-PROCAD, desde 1993, que tem possibilitado a formação de significativo número de professores em atividade docente. O Curso de Letras, atualmente, é oferecido de forma intensiva, numa abrangência significativa no estado, sendo ofertado em mais de 50% dos Centros espalhados pelo território maranhense, em todas as regiões do Estado, onde cada Centro atende a uma demanda relevante, tendo em vista receber estudantes do município sede dos municípios nas adjacências.

A importância do Curso de Letras reside na necessidade de oferecer curso de educação superior que ofereça oportunidades ao discente de se preparar para o exercício de uma prática efetiva e competente, conforme as exigências previstas na LDB/96. Desse modo, o Curso de Letras assume posição de destaque, visto que todos e qualquer profissional usam a língua oral ou escrita no processo comunicacional.

Embora conscientes das mudanças a serem implantadas e das melhorias a serem conquistadas, através do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, a UEMA está desempenhando com eficiência e qualidade sua função no processo de desenvolvimento do Estado do Maranhão.

O Centro de Estudos Superiores de Colinas- CESCO foi criada pela lei 8.316/2005, entretanto o primeiro vestibular aconteceu, em 2008, para Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Na ocasião foram ofertadas 40 vagas, sendo aprovados 33 alunos. A partir daí, ocorreu vestibular em 2009, 2010 e 2014, contabilizando oferta de 150 vagas para o Curso no município, contando com a formatura de duas turmas em 2014, nos quais 38 alunos colaram grau. Atualmente, o Centro possui 73 alunos regularmente matriculados no Curso de Letras Portuguesa.

#### 4. O CURSO: PROPOSTA E PERSPECTIVAS

Tendo em vista as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, faz-se necessário uma reavaliação da função da universidade e do seu corpo docente, pois o educador, enquanto agente social exerce o papel de intermediário da cultura junto ao educando. O Projeto Pedagógico é responsável pelo filtro que essa instituição realiza das ideias que circulam na sociedade e que precisam ser compreendidas de modo crítico, a fim de que a aceitação ou a recusa dos valores sociais sejam conscientes. Assim, a educação superior materializa-se a partir da relação professor/aluno/comunidade via linguagem que, concebida enquanto interação social implica a constituição desses indivíduos como sujeitos históricos que serão os responsáveis pela construção da história de nossa sociedade.

Da mesma forma, o homem em busca do seu desenvolvimento pleno constitui o centro das preocupações, uma vez que para sua formação é preciso uma IES comprometida e docentes competentes. Para isso, é necessária uma universidade que busque proporcionar aos educandos uma formação cultural e científica capaz de propiciar condições efetivamente satisfatórias e estabelecer “uma relação autônoma crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações”, por conseguinte, levando-o a realização tanto pessoal como profissional e cidadã.

Portanto, a educação formal, situada num mundo de avanços tecnológicos e científicos, deve levar ao aluno uma formação geral consistente, capacitando-o a pensar criticamente e a ter uma postura científica diante dos problemas humanos. Sendo assim, é importante que haja também contribuição da academia para uma postura ético-valorativa do educando diante dos valores humanos essenciais “como a justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade, o respeito a vida e aos direitos humanos, como elementos básicos na Estado Democrático de Direito”.

##### 4.1. FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

A linguagem é o elemento que distingue o homem dos outros animais, o que o torna, de acordo com Aristóteles, “um animal político”. Tal concepção é compartilhada por Rousseau, já que “a palavra distingue os homens e os animais, a linguagem distingue as nações entre si. Não se sabe de onde é um homem antes que ele tenha falado”. Para o linguista Hjelmslev (1975) a linguagem é inseparável do homem, seguindo-o em todos os seus atos.

A sociolinguística afirma que linguagem e sociedade estão interligadas de forma inquestionável, podendo-se afirmar que essa relação é a base da constituição do homem. Pois a história da humanidade é a história do homem organizado em sociedade, onde estes trocam experiências e compartilham diferentes acontecimentos de sua vida por meio da linguagem, seja ela verbal (escrita ou falada) ou não verbal. Nessa perspectiva, Alkmin (2004, p.23):

A relação entre linguagem e sociedade, reconhecida, mas nem sempre assumida como determinante, encontra-se diretamente ligada à questão da determinação do objeto de estudo da linguística. Embora se admita que a relação linguagem-sociedade seja evidente por si só, é possível privilegiar uma determinada ótica, e esta decisão repercute na visão que se tem do fenômeno linguístico, de sua natureza e caracterização.

Dessa forma, deve-se esclarecer que a relação linguagem e sociedade nem sempre foi assumida devido à teoria estruturalista que afirmava que o fenômeno linguístico deve ser estudado de forma autônoma. O reconhecimento e valorização dessa relação ocorrem com a abordagem sociolinguística, pois a superação estrutural no campo da linguagem se dá pelo fato de que suas implicações e influências relacionam-se com outros campos científicos, disso resulta sua interdisciplinaridade.

A linguagem é uma riqueza que apresenta diversos valores. É inseparável do homem, visto que o segue em todas suas ações. Através dela, segundo Kristeva (2003), consegue-se organizar e exteriorizar o pensamento, isto é, um instrumento onde ao mesmo tempo influencia-se e é influenciado.

Poeticamente falando, a linguagem é o lugar de refúgio do poeta nas horas solitárias, de meditação e de conflito pessoal. É através dela que o legado histórico, preso na lembrança e no imaginário coletivo, exterioriza-se na esfera social. Objeto de estudo da linguística e de outros campos científicos, a linguagem é caracterizada como um sistema de signos e instituição social não sendo um fim em si mesmo, mas um meio de se obter conhecimento cujo objeto principal reside fora dela.

A linguística procura apreender a linguagem não como um amontoado desenfreado de palavras, ou seja, um aglomerado de fatos linguísticos, mas como manifestação entendível desses fatos. Por essa razão, de acordo com Monteiro (2000) pode-se dizer que o exercício da linguagem humana parte do indivíduo.

Para Kristeva (2003, p.45), “a linguagem é um fenômeno cuja prática o homem sempre dominou, que constitui um todo com o homem e com a sociedade, aos quais está intimamente relacionada”. O problema surge quando sua prática é vista em situações específicas, ou seja, particular, comprometendo o acesso às leis de seu próprio

funcionamento. Segundo a autora, pode-se admitir a relação do sujeito falante com a linguagem em duas etapas: primeiro, pretende conhecer o superficial; segundo, porque o conhecimento científico da linguagem atua sobre as mais diversas práticas sociais.

O problema é que, em certas circunstâncias, ela aparece como uma entidade autônoma e impenetrável em vez de apresentar-se como um sistema acessível à análise científica implicando numa relação em que se vê o homem atuando sobre a linguagem e a linguagem atuando sobre o homem. Nessa senda ela é definida como demarcação, significação e comunicação, visto que todas as práticas do homem são práticas de linguagem.

Linguagem e sociedade são realidades que se inter-relacionam. É impossível concebermos a existência de uma sem outra. Assim sendo, observa-se que língua apresenta várias finalidades, entre elas a de servir como meio de comunicação e, por conseguinte, interação social. Por isso, ela é interpretada como produto e expressão da cultura (BORBA, 2010). O pensamento humano é organizado pela linguagem, tornando-o ordenado, articulado e concatenado. Pela oralidade um indivíduo transmite além da mensagem contida em seu discurso, uma carga ideológica.

Marttelota (2008, p.78) leciona que “a linguagem é objeto de apropriação do homem, tornando-se o principal veículo de comunicação, sem ela não conseguimos viver em sociedade. Pois, além de útil e vantajosa, é necessário à nossa existência”. Ela é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Podemos então caracterizar a língua como instituição social. Um objeto bem definido no conjunto dos fatos da linguagem.

Nessa linha de raciocínio, pode-se inferir que ela possibilita e permite a comunicação ampla do pensamento. Cada indivíduo tem de saber usá-la adequadamente de acordo com a situação sociocomunicativa em que lhe for exigido. Ela traduz toda uma cultura, isto é, todo um universo peculiar com suas características psicológicas, filosóficas, sociais, políticas, e históricas, sendo uma ferramenta indispensável para mediar às relações humanas.

De acordo com Monteiro (2000, p.16), “a função da língua (gem) é de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado, de transmitir informações, confirma a ligação entre língua e sociedade”. Assim, a sociedade tem a capacidade tanto de causar transformações na linguagem, quanto de exercer dependência do seu uso, visto que acompanha as mudanças ocorridas se transformando, alterando-se e se adequando a novas realidades vividas pelo meio sociais. Nesse contexto, Kristeva (2003, p.47) leciona que:

A época cristã, até o século XVIII, tinha uma visão teológica da linguagem, pondo em primeiro lugar o problema da sua origem, ou em rigor, as regras universais da sua lógica. O século XIX, dominado pelo historicismo, considerava a linguagem como um desenvolvimento, uma mudança, uma evolução através dos tempos. Hoje em dia, são as visões da linguagem como sistema e os problemas do funcionamento desse sistema que predominam. Portanto, para captarmos a linguagem, temos de seguir o rastro do pensamento que, através dos tempos, esboçou as diferentes visões da linguagem.

Até o século XVIII as discussões acerca da linguagem gravitavam em torno de sua origem e lógica (influência da filosofia), ou seja, que as questões referentes às condições de verdade surgiam fora da linguagem. No segundo momento, predominaram os estudos diacrônicos baseados no historicismo, escola anterior ao pensamento linguístico, tornando-se importante por ter preparado terreno para o estruturalismo. Nessa ótica, Lyons (2009) diz que o historicista acreditava que apenas ele mesmo poderia explicar os fenômenos relativos à linguagem.

Atualmente, ela é estudada como um sistema e os problemas apresentados pelo funcionamento desse sistema tomam posição central nos estudos linguísticos. Para Lyons (2009), todas as formas e sentidos estão inter-relacionados num determinado sistema linguístico.

Tomando por base a mudança da cena linguística, da estrutura ao funcionamento, Kristeva (2003) afirma que a pergunta o que é linguagem? pode e deve ser substituída pela pergunta como a linguagem pode ser pensada? Dessa forma põe-se em destaque o problema, em vez de se obter uma resposta meramente conceitual e equivocada. Portanto, independente do momento que se estude a linguagem, uma coisa é certa: ela sempre será um elemento extremamente complexo em que se coadunam problemas de ordens diferentes.

Para Borba (2010), a linguagem se realiza na língua, apresentando-se como um sistema de signos distintos que pertencem às ideias distintas. Ela é instrumento a serviço da coletividade, por meio do qual as pessoas usam-na para relacionar-se entre si, estabelecendo contatos sociais, por isso ser considerada fato social. Afirmar que a língua é um fato social equivale dizer que ela pertence a todos os membros de uma comunidade, ou seja, geral a todos, e ao mesmo tempo é exterior ao homem, pois segue regras linguísticas, padrões aceitáveis por meio de coerção gramatical para o ato comunicativo.

A prática social da linguagem é caracterizada pelas habilidades da fala, leitura, escrita e escuta, sendo que seus usos sociais concretizados pelos sujeitos, relacionam-se a três concepções distintas, porém interdependentes. Ou seja, a de ser a linguagem expressão do pensamento, produto de comunicação e instrumento de interação.

Como afirma Van Dijk (2010), por ser a linguagem portadora de valores usada para representar diferentes realidades trazidas pelo homem, sua (re) construção de sentidos possibilitada no processo comunicacional muitas vezes produz formas e sentidos manipulados, visto que representam uma visão particular de mundo. Nessa perspectiva, ela pode assumir distintas finalidades como a de produto de dominação, manutenção do poder, elemento de exclusão social, instrumento de emancipação e efetivação dos direitos de cidadania.

Como expressão do pensamento, a linguagem permite que se englobe tudo aquilo que a princípio parece escapar-lhe, pois, segundo Kristeva (2007, p.17), “pode se crer que a linguagem exprime, como um utensílio, qualquer coisa ou qualquer ideia”. Para a autora, esta é uma concepção instrumentalista, já que na sua base supõe a existência de um pensamento sem a linguagem. É ela responsável pela consciência e formação do pensamento.

Vygotsky (2001) afirma que ela é instrumento psicológico que serve para mediar a comunicação. Por essa razão, ele defende a natureza social da linguagem, caracterizada pela imaginação, planejamento e organização que ocorre na memória humana.

Como instrumento de comunicação, a linguagem leva em consideração os fatos da língua, visto que estes se situam no sistema linguístico. Esse sistema apresenta três dimensões: o fonético, o gramatical e lexical. Para Neder (2010, p.25):

A língua é considerada como um aspecto imóvel, onde cada enunciação é única e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. Nessa tendência o sistema linguístico é percebido como um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta. Desta maneira, a língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas à norma fornecida tal qual a consciência individual e peremptória para esta. E as leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado.

Pode-se depreender que analisar a linguagem como instrumento de comunicação é vê-la tão somente como um código, isto é, como um conjunto de signos que transmitem mensagens por que obedecem a um conjunto de regras/normas pré-estabelecidos. Tudo que ocorre no mundo é expresso através da linguagem, eis a finalidade descritiva e a concepção interacionista. Nesse sentido, coube a Brighth em 1964 em sua proposta sociolinguística “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade”.

A língua, na concepção da sociolinguística, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, mutante, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. É uma atividade social, um trabalho coletivo, produzido por todos os seus falantes, cada vez que eles se interagem por meio da fala ou da escrita. A língua, 'sistema de sons vocais por que se processa numa comunidade humana o uso da linguagem' (CÂMARA JUNIOR, 2001, p.78)

Posto isso, ela é a essência da constituição humana, visto que não se pode imaginar um sujeito que não se comunique, haja vista a comunicação seja essencial para as relações entre os indivíduos, daí a necessidade de se afirmar que a linguagem é produto de interação social. (CÂMARA JUNIOR, 2004).

Em princípio, o estado natural das pessoas quando não influenciadas por um problema é utilizar da capacidade comunicativa para expressar sensações e ideias. Esses sentimentos são concretizados através da linguagem, seja ela verbal (falada ou escrita) ou não verbal (por meio de sinais, símbolos etc.).

Posto isto, a linguagem é (re) construída pensando-se no outro, pois quem fala apresenta uma intencionalidade semântica e discursiva que deverá ser compreendida e interpretada pelo ouvinte, ainda que no processo comunicacional exista discordância de opiniões.

Nesse diapasão, o ouvinte não pode ser visto apenas como um depositário de informações, pois ele tem uma importância ímpar no evento comunicativo, visto que a construção coerente do seu discurso dependerá de uma linguagem clara, objetiva e acessível. Isto é, passível de compreensões e inferências de ordem semântica.

Todavia, a comunicação não se constitui apenas de um indivíduo que utiliza a linguagem, produzindo sons audíveis e compreensíveis, e de outro indivíduo que os ouve. Há uma complexidade muito maior e que atrai cada vez mais o interesse dos estudiosos da linguagem. Este interesse tem gerado muitas pesquisas preocupadas com as funções dialógicas da linguagem. As funções monológicas da linguagem são as ações linguísticas que se dirigem ao próprio falante, muito comum na linguagem poética e na fala de crianças, denominada fala ou linguagem egocêntrica. Já as funções dialógicas foram objeto do clássico trabalho de Jakobson. (BARBOSA, 2010, p.4)

Acentuar o caráter social da linguagem não significa valorizar apenas a função de comunicação. Falar da linguagem é refletir sobre a formação e a produção linguística do sujeito falante e do sujeito ouvinte, bem como o processo da significação comunicada (KRISTEVA, 2003). Nessa ótica, a linguagem é um processo de comunicação de mensagem entre os sujeitos sociais. E a linguagem ainda passa a ser vista como forma de ação, isto é, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologias e, portanto, de múltiplos efeitos de sentidos.

## 4.2. FUNDAMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

A Universidade, enquanto espaço de produção e socialização do conhecimento, deve levar o aluno, especialmente o do curso de Letras, a refletir teoricamente sobre a linguagem, uma vez que é esse o seu objeto de estudo. Para tanto, a prática pedagógica do seu corpo docente deve ser norteada por uma perspectiva dialógica, uma vez que a relação professor/aluno é constituída por sujeitos sociohistórico, o que implica o reconhecimento da linguagem como um processo de interação social, acarretando necessariamente uma postura em que o docente comporta-se como facilitador da aprendizagem e não mais como o detentor do conhecimento, respeitando a história educacional e cultural trazida pelo aluno. Portanto, reconhecer essa história significa identificar as limitações impostas pelo sistema social vigente e buscar a ampliação dos horizontes desse discente que condiciona o professor a produção de alternativas metodológicas adequadas, resultando na concretização dos objetivos definidos pelo curso.

Dessa forma, a prática pedagógica constitui um ponto de reflexão constante, tendo em vista os desafios apontados pelos diversos contextos apresentados em sala de aula, que exigem um novo fazer didático-pedagógico. A relação teoria e prática devem estar concretizadas pela atuação do professor em sala de aula à medida que o texto, verbal ou não verbal, literário ou não, não se constitui somente como o principal recurso didático para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, mas, sobretudo, por ser o objeto de análise do curso de Letras. Portanto, fica pressuposto como princípio básico o estudo do texto, objetivando conhecer todas as suas possibilidades de manifestação para o conhecimento e o desenvolvimento de teorias linguísticas e literárias que dão sustentação teórica ao olhar direcionado a esse objeto. Além disso, o estudante deverá ser preparado para fazer uso de novas tecnologias e de compreender sua formação profissional como processo contínuo, incluindo a pesquisa e a extensão, bem como do ensino, como aspectos que se articulam no processo ensino-aprendizagem.

## 4.3. FILOSOFIA EDUCATIVA DO CURSO

É fundamental que o projeto pedagógico dos Cursos da área de Letras contemple os seus objetivos:

- ✓ Formar profissionais na área de Letras, qualificados para a atuação no campo educacional, com ênfase na docência nos ensinos fundamental e médio;
- ✓ Formar educadores reflexivos dotados de espírito crítico, capazes de perceber e desenvolver, em suas atribuições didático-pedagógicas, metodologias próprias de ensino, estudos e pesquisas, dentro ou fora da sala de aula, sobre questões mundiais, nacionais e regionais. Na área específica de língua e literaturas de língua portuguesa, privilegiar uma integração entre as culturas portuguesa, brasileira e africana.
- ✓ Formar professores com uma visão global e inter(multi)disciplinar, capazes de articular a construção e o diálogo do conhecimento específico de Letras com outros conhecimentos e com o aluno coletivamente.
- ✓ Formar professores com um sentimento humanístico que permita dotar seus estudantes da capacidade de crítica isenta às manifestações das diferentes culturas e classes sociais.

A educação é o processo que visa levar o indivíduo a explicitar e a desenvolver suas potencialidades em contato com a realidade, tendo em vista promover o desenvolvimento do aluno-cidadão integral, a fim de levá-lo a atuar na realidade com conhecimento, eficiência e responsabilidade para serem atendidas as necessidades pessoais e sociais do sujeito, a fim de que se possa sobreviver, aprimorando-se e estruturando-se para reagir e interagir com a comunidade, comprometendo-se com as transformações da sociedade.

Piaget considera a inteligência como uma forma particular da adaptação biológica. O organismo interage com o meio ambiente de modo que seja favorável a conservação da vida. A função da inteligência é a construção de estruturas cognitivas que correspondam com a realidade e permitam ao homem produzir conhecimento.

A inteligência constitui-se, portanto, numa adaptação biológica cuja adaptação ocorre de forma equilibrada. A relação do equilíbrio com organismo-meio permite ao primeiro sobreviver. A relação de equilíbrio entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento significa que o sujeito chega às estruturas intelectuais que o permitem conhecer o objeto. Esta relação de equilíbrio é dinâmica no desenvolvimento de seu intelecto, pois o sujeito constrói estruturas intelectuais cada vez mais complexas que implicam formas de equilíbrio cada vez mais elevadas.

Ainda, conforme Piaget (1997), o sujeito chega à relação de equilíbrio com o objeto, ou seja, a adaptação inteligente; estes mecanismos são acomodação e a assimilação e os

consideram como invariantes funcionais da inteligência porque atuam sempre no desenvolvimento das estruturas do conhecimento.

Acomodação e assimilação é mecanismo constantemente presente na adaptação inteligente, se complementam, estabelecendo entre elas relações de equilíbrio que se consolidam em diferentes níveis.

A educação consolida-se com a participação popular, quando se define a finalidade de contribuir para a auto-organização da sociedade, com base na humanização e solidariedade que com a democratização do conhecimento pedagógico, cria espaço para formação de cidadãos, possibilitando articulação do trabalho pedagógico com o contexto cultural.

#### 4.4. PERFIL DO EGRESSO

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos, Resolução CNE nº 2 de 1º de julho de 2015, o Licenciado em Letras – Língua Portuguesa é o professor que planeja, organiza e desenvolve atividades e materiais relativos ao Ensino da Língua Portuguesa. Sua atribuição central é a docência na Educação Básica, que requer sólidos conhecimentos sobre a estrutura e funcionamento da Língua Portuguesa e suas literaturas, sobre seu desenvolvimento histórico e suas relações com diversas áreas; assim como sobre estratégias para transposição do conhecimento em Língua Portuguesa em saber escolar. Além de trabalhar diretamente na sala de aula, o licenciado elabora, analisa e revisa materiais didáticos, como livros, textos, vídeos, programas ocupacionais, ambientes virtuais de aprendizagem, entre outros. Realiza ainda pesquisa em Ensino da Língua Portuguesa e suas literaturas, coordena e supervisiona equipes de trabalho. Em sua atuação, prima pelo desenvolvimento do educando, incluindo sua formação ética, a construção de sua autonomia intelectual e seu pensamento crítico.

#### 4.5. OBJETIVOS DO CURSO

Objetivo geral:

✓ Formar profissionais licenciados em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, para o exercício docente no Ensino Fundamental, Médio e Superior, bem como em outras atividades profissionais.

Objetivos específicos:

- ✓ Contribuir com a formação profissional do futuro profissional das Letras.
- ✓ Adquirir, ao longo de sua formação, conhecimentos linguísticos e literários, bem como um conjunto de habilidades e competências para exercício da prática pedagógica.
- ✓ Refletir criticamente sobre a realidade do ensino fundamental e médio, fundamentando-se numa visão histórica social filosófica política, cultural e econômica.
- ✓ Fornecer estratégias que possibilitem o domínio das práticas sociais da linguagem.
- ✓ Oportunizar ao discente o domínio de conhecimentos de forma a ampliar sua visão interdisciplinar.

#### 4.6. TITULAÇÃO CONFERIDA PELO CURSO

O profissional que conclui o curso de Letras recebe o título de Licenciado em Letras e está habilitado a ser professor de Língua Portuguesa e de Literatura de Língua Portuguesa. O curso de Licenciatura em Língua Portuguesa deve ter formação ética, crítica, autônoma e criativa para atuar no ensino Fundamental e Médio, assim como no desenvolvimento de outras habilidades que atendam às necessidades exigidas pela sociedade como pesquisadora, consultor, revisor de texto e redator.

##### 4.6.1. Habilidades e competências a serem desenvolvidas:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem objetivos a serem alcançados pelos alunos do Ensino Fundamental. Logo o futuro professor deve estar preparado para trabalhar na perspectiva de uma prática pedagógica voltada para a investigação, compreensão, domínio científico e sociocultural do conhecimento.

Assim sendo, segundo as Diretrizes Curriculares, divulgado pelo MEC, o curso de Letras deve proporcionar o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades no graduando:

- ✓ Compreender, analisar, interpretar, explicar e contextualizar as informações do mundo em que vive;
- ✓ Utilizar o raciocínio lógico, o poder de argumentação, de persuasão e de reflexão crítica acerca do conhecimento;
- ✓ Demonstrar domínio ativo e crítico de um repertório representativo do idioma no qual seja significativo à produção e à difusão do conhecimento;
- ✓ Descrever e justificar as peculiaridades fonológicas, morfológica léxicas, sintáticas e semânticas do português brasileiro com especial destaque para as variações regionais socioletais e para as especificidades da norma padrão;
- ✓ Domínio do uso da língua portuguesa ou de uma língua estrangeira, nas suas manifestações oral e escrita, em termos de recepção e produção de texto;
- ✓ Visão crítica das perspectivas teóricas adotadas nas investigações linguísticas e literárias que fundamentam sua formação profissional;
- ✓ Atuar em equipes de pesquisa interdisciplinares;
- ✓ Habilitar o docente para desempenhar papel de multiplicador, formando leitores críticos, e produtores de textos de diferentes gêneros e registros linguísticos e fomentando o desenvolvimento de habilidades linguísticas, culturais e estéticas.

#### 4.7. DESAFIOS DO CURSO

Os pontos nevrálgicos que representam restrições ao desenvolvimento orgânico do curso e que, portanto, necessitam ser superados, de modo a implementar significativo salto de qualidade para este, são:

##### **Em curto prazo:**

A aquisição de mais livros para compor o acervo bibliográfico, específicos da área de Letras, para melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem, tendo em vista que ter referenciais teóricos é de grande relevância para o processamento do conhecimento. Necessário também é a ampliação da informatização do curso para proporcionar a operacionalidade de pesquisas, produções de textos, bem como assinatura de periódicos visando a informações atualizadas resultantes de pesquisas divulgadas em encontros, seminários, congressos, simpósios nacionais e internacionais, possibilitando ao acadêmico, que deve desenvolver o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Além disso, o Curso de Letras

entende que investir na melhoria da pesquisa é o pressuposto básico para a formação na graduação. Assim, deve-se incentivar o corpo docente a trabalhar sob essa ótica, através de uma prática pedagógica investigativa.

A produção científica é um desafio do curso, na medida em que entende a competência do ensino, com raízes profundas na pesquisa, no questionamento, no conhecimento relativo às áreas do ensino de Letras, na busca de informações, leituras e atualizações permanente, oportunizando também a vivência prática por meio da Monitoria.

#### **Em médio prazo:**

- ✓ Realização de concurso público nas áreas de Linguística, Língua Portuguesa e Literaturas.

#### **Em longo prazo:**

- ✓ Otimizar o nível de qualidade no ensino do curso de Letras;
- ✓ Elevar o conceito do curso através do ENAD, para a nota máxima, 5, segundo os critérios de avaliação do MEC/INEP/CPA/UEMA.

#### **4.8. DEMANDAS, VAGAS, TURMAS E TURNO DE FUNCIONAMENTO**

O Curso de Letras Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Colinas – CESCO tem recebido relevante demanda de candidatos das mais variadas faixas etárias e da região circunvizinha elevando o número de inscritos a cada vestibular aumentando a quantidade de classificados e estudantes matriculados no curso. Nos últimos vestibulares 2013/2014 e 2014/2015, o perfil sofreu mudanças acentuadas na faixa etária dos candidatos, são estudantes egressos do Ensino Médio que compreendendo a importância da graduação, prestam vestibular no último ano implicando em notas mais elevadas por conta da preparação o que corrobora para quantidades de vagas ofertadas preenchidas e menor número de evasão e repetência.

ANO	VAGAS	INGRESSO	TURNO	ALUNOS MATRICULADOS POR ANO	TURMAS	EVASÃO	DESISTÊNCIA	REPETÊNCIA	MEDIA DO COEFICIENTE
2009	80	68	NOTURNO	69	2		16	05	8,6
2010	30		NOTURNO						
2011	30	23	NOTURNO	23	1	04	06		8,8
2012	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
2013	30	-----	NOTURNO	-----	-----	-----	-----	-----	-----
2014	30	28	NOTURNO	28	1	-----	02	-----	8,9
2015	----	30	NOTURNO	30	1	-----	-----	-----	-----

<b>CURSO: Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa</b>			
ANO	DEMANDA	OFERTA VERIFICADA	PROCESSO SELETIVO
2009	60 ingressantes	60	Vestibular
2010	10	30	Vestibular
2011	15 ingressantes	30	Vestibular
2012	-----	-----	-----
2013	30 ingressantes	-----	Vestibular
2014	30 ingressantes	30	Vestibular

#### 4.9. NORMAS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO

##### 4.9.1. Estrutura Pedagógica

O currículo proposto para o Curso de Letras Licenciatura Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa reflete a concepção, finalidades e objetivo assumidos como referenciais e sua elaboração apoia-se também nos princípios e determinações estabelecidas nos seguintes instrumentos norteadores.

- ✓ LDB N° 9394/96 de 20.12.1996;
- ✓ Resolução CNE/CP n° 02, de 19.01.2002;
- ✓ Resolução CEE/MA n° 298/2006;
- ✓ Resolução criação do curso de graduação 836/2008 CEPE/UEMA;
- ✓ Resolução NGG n° 1045/2012/ CEPE/UEMA;

- ✓ Resolução CNE/CP N° 1, de 15 de maio de 2006;
- ✓ Resolução N° 1077/2013 CEPE (Unificação).

Embora existam muitos desafios a serem enfrentadas para a implantação de um currículo que se desenvolvam as competências exigidas, é consenso no Curso de Letras e, hoje de um modo universal na UEMA, que as modificações no currículo do curso apontem para esse fim. Para a elaboração do currículo atual, Currículo Unificado universalizando os conteúdos nas suas várias disciplinas em toda a Universidade e seu centros, fez-se necessário estabelecer relações importantes para o planejamento curricular, levando-se em consideração a realidade dos alunos, suas aspirações as exigências acadêmicas, as bases filosóficas, sociológicas, psicológicas que alicerçam esta literatura, apoiando-se, ainda, nas diretrizes, princípios e determinações estabelecidos pelos órgãos regulares e deliberativos.

De acordo com as Normas Gerais do Ensino de Graduação- Resolução 423/2003-CONSUN/UEMA, o currículo é constituído de disciplinas: obrigatórias (**núcleo comum**); específicas (**núcleo específico**); optativas (**núcleo livre**); e atividades de flexibilização, incluindo outras Atividades Acadêmico Científico culturais (**AACC**).

As A.A.C.C. têm como finalidade o enriquecimento e ampliação dos conhecimentos do aluno. Para tanto, serão consideradas a participação do aluno em **palestras, simpósios, oficinas pedagógicas, fóruns de debates, encontros técnico-científicos, monitorias e atividades de iniciação à pesquisa** ou outras formas que venham ao encontro dos objetivos do curso.

## 5. GESTÃO ACADÊMICA DO CURSO

A gestão do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa têm como finalidades precípuas:

- ✓ - Dotar a UEMA de estrutura sempre eficiente, transparente e moderna;
- ✓ - Atender às demandas do corpo docente e discente;
- ✓ - Representar, junto à sociedade, os professores e alunos;
- ✓ - Desenvolver formas modernas de liderança de forma a conquistar do corpo docente e discente a atenção e o cumprimento às normas da Instituição.

## 5.1. COLEGIADO DO CURSO

De acordo com o Estatuto da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA art. 49, os Colegiados de Curso são órgãos deliberativos e normativos dos cursos e terão a seguinte composição:

- a) Diretor de Curso e/ ou Coordenador como Presidente;
- b) Quatro professores em efetivo exercício, cujas disciplinas integrem o Curso na razão de um para cada disciplina.
- c) Um representante do Corpo Discente por habilitação.
- d) A representação estudantil será exercida pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) e pelos Centros Acadêmicos (CA).
- e) Um Técnico administrativo da Instituição;

O Colegiado do Curso se reunirá ordinariamente duas vezes por semestre e, extraordinariamente, quando convocado por seu Presidente ou pela maioria da totalidade dos seus membros em exercício. As demais disposições referentes ao Colegiado do Curso estão definidas no regimento dos Órgãos Deliberativos e Normativos da Universidade Estadual do Maranhão e nas Normas Gerais do Ensino de Graduação aprovadas pela Resolução 1045/2012 CEPE/UEMA.

<b>PRESIDENTE: Francisca Pereira da Silva Meneses</b>
Professor: Fernando Oliveira Piedade
Professora: Ana Késia Monteiro Reis Siqueira
Professor: João Acácio Alves Aguiar Pavão
Professora: Patricia Kelly Neres Fernandes
Técnico Administrativo: Raimunda Myres Brito dos Santos Costa
Acadêmico (a): Vanessa Alves Barrosa Lima

## 5.2. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE)

De acordo com a Resolução nº 985/2012 CEPE/UEMA, foi criado o Núcleo Estruturante de Docentes – NDE do Centro de Estudos Superiores de Colinas – CESCO, um órgão consultivo e de assessoramento, responsável pela elaboração, implantação, desenvolvimento e reestruturação do projeto pedagógico do curso, bem como pela análise e

supervisão da atualização dos conteúdos programáticos e das bibliografias obrigatórias e complementares. É constituído por 4 ( quatro) professores pertencentes ao corpo docente do Curso de Letras Licenciatura, com liderança acadêmica e presença efetiva no seu desenvolvimento percebidas na produção de conhecimentos na área do desenvolvimento do ensino, e em outras dimensões entendidas como importantes pela instituição.

Os professores serão responsáveis pela formulação da proposta pedagógica do curso e encarregados da implementação e do desenvolvimento, sendo vinculados às atividades essenciais entre elas: docência, orientação de pesquisa e extensão, atualização do projeto do curso (PPC) definindo o perfil acadêmico do curso e a formação e o perfil profissional do egresso; a fundamentação teórico-metodológicos do currículo, a integralização de disciplinas a atividades, as habilidades e competências a serem atingidas e os procedimentos de avaliação.

<b>NOME DO DOCENTE</b>	<b>TITULAÇÃO MAIOR</b>
Professor: Fernando Oliveira Piedade	Mestre
Professor Ana Késia Monteiro Reis Siqueira	Especialista
Professora: Patricia Kelly Neres Fernandes	Especialista
Professor: João Acácio Alves Aguiar Pavão	Especialista

### 5.3. USO DOS RESULTADOS NAS AVALIAÇÕES NA MELHORIA DA QUALIDADE DO CURSO

Nos últimos anos, há um consenso em torno da necessidade de se programar programas de avaliação em todos os níveis de ensino, uma vez que esse processo, baseado em referenciais construtivistas, possibilita a análise crítica das instituições, tanto do ponto de vista administrativo como do ponto de vista pedagógico e posterior reconstrução da realidade.

Nessa perspectiva, a UEMA concebeu seu projeto de Avaliação Institucional, aprovado pela resolução n.º 188/98-CONSUN/UEMA, enfatizando como objetivo maior subsidiar uma política de gestão e implantar o projeto político-pedagógico da instituição, hoje ratificada pela Lei n.º 10861/2004.

Assim sendo, o CESCO não pode estar à margem desse processo. No que se refere ao Curso de Letras, há sensibilização quanto à importância do momento em que a

Universidade se prontifica para uma avaliação de qualidade e comprometimento com a melhoria do processo ensino aprendizagem - ação que não se concretiza fora do processo avaliativo.

Portanto, de conformidade com o Projeto de Avaliação Institucional<sup>22</sup>, seremos avaliados da seguinte forma:

- a) Avaliação do desempenho docente;
- b) Avaliação do curso de Letras;
- c) Avaliação do estudante.

Dessa forma, a avaliação deve se constituir num momento de revisão de proposta, de objetivos e metas traçadas no Projeto Político-Pedagógico. Sugere-se para tanto, a aplicação de questionários, tabulação das respostas no coletivo docente, encontros para discussão dos resultados da avaliação interna que possibilitam a elaboração de relatórios finais a serem amplamente discutidos e posteriormente divulgados para toda a comunidade do CESCO/UEMA. Essa avaliação também deve servir para retroalimentação do Curso, como prevê o Art. 46, LDB/96.

No que se refere à verificação da aprendizagem, seguem-se as determinações das Normas Gerais do Ensino de Graduação, Seção I, página 31 a 33. São aplicadas três avaliações, sendo os resultados expressos em notas de zero a dez, admitindo-se uma casa decimal, devendo a média final ser expressa, portanto com, no máximo, uma decimal.

Será considerado aprovado por média, em cada disciplina, o aluno cuja média aritmética das três notas correspondentes às avaliações, for igual ou superior a sete e que alcançar a frequência igual ou superior a 75%. O aluno que deixar de realizar provas previstas no plano de ensino poderá formalizar pedido de segunda chamada, desde que não tenha mais de 25% (vinte e cinco por cento) de faltas relativamente à carga horária total da disciplina. O aluno que obtiver média de aproveitamento igual ou superior a cinco e inferior a sete e que tenha comparecido, no mínimo, 75% das atividades acadêmicas será submetido à avaliação final que envolverá todo o programa da disciplina e será realizada após o encerramento do período letivo, como prevista nas Normas Gerais do Ensino de Graduação, aprovados pela Resolução 423/2003-CONSUN.

## **6. CURRÍCULO DO CURSO**

## 6.1. ESTRUTURA CURRICULAR

Ord.	Cód.	1º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
				Teórico	Prático	
1		Leitura e Produção Textual (NC)	60	04	---	1
2		Morfossintaxe da Língua Latina (NCL)	60	04	---	2
3		História da Literatura (NCL)	60	04	---	3
4		Filosofia da Educação (NC)	90	06	---	4
5		Metodologia Científica (NC)	60	04	---	5
6		Psicologia da Aprendizagem (NC)	60	04	---	6
<b>TOTAL</b>			<b>390</b>	<b>26</b>	<b>---</b>	<b>26</b>
		2º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
				Teórico	Prático	
7		Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa (NCL)	60	04	---	04
8		Política Educacional Brasileira (NC)	60	04	---	04
9		Teoria Literária: introdução aos estudos literários e o gênero lírico e o épico (NCL)	60	04	---	04
10		Fundamentos da Linguística (NCL)	60	04	---	04
11		Sociologia da Educação (NC)	60	04	---	04
12		Práticas de Projetos Pedagógicos (NCL)	135	---	03	03
<b>TOTAL</b>			<b>435</b>	<b>20</b>	<b>03</b>	<b>23</b>
		3º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
				Teórico	Prático	
13		Didática (NC)	90	06	---	06
14		Teoria Literária: correntes da Crítica Literária e o gênero dramático (NCL)	60	04	---	04
15		Sociolinguística (NE)	60	04	---	04
16		Morfologia da Língua Portuguesa (NE)	60	04	---	04
17		Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (NCL)	60	04	---	04
18		Prática de Análise Linguística e Textos Literários em Língua Portuguesa (NCL)	135	---	03	03
<b>TOTAL</b>			<b>465</b>	<b>22</b>	<b>03</b>	<b>25</b>
		4º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
				Teórico	Prático	
19		Filologia Românica (NCL)	60	04	---	04
20		Literatura Brasileira das origens ao Arcadismo (NE)	60	04	---	04
21		Literatura Infanto-juvenil (NC)	60	04	---	04
22		Literatura Portuguesa das origens ao Arcadismo (NE)	60	04	---	04
23		Sintaxe da Língua Portuguesa (NE)	60	04	---	04
24		Prática Interdisciplinar de Leitura e Produção Textual em Língua Portuguesa (NE)	135	---	03	03
<b>TOTAL</b>			<b>435</b>	<b>20</b>	<b>03</b>	<b>23</b>
		5º PERÍODO – DISCIPLINAS	CH	Créditos		Total
				Teórico	Prático	
25		Semântica da Língua Portuguesa (NCL)	60	04	---	04

26		Literatura Portuguesa do Romantismo ao Realismo (NE)	60	04	---	04
27		Literatura Brasileira do Romantismo ao Realismo (NE)	60	04	---	04
28		Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS – (NC)	60	04	---	04
29		Linguística Aplicada (NE)	60	04	---	04
30		Literatura Maranhense (NE)	60	04	---	04
<b>TOTAL</b>			<b>360</b>	<b>24</b>	<b>---</b>	<b>24</b>
<b>6º PERÍODO – DISCIPLINAS</b>			<b>CH</b>	<b>Créditos</b>		<b>Total</b>
				<b>Teórico</b>	<b>Prático</b>	
31		Lusofonia (NCL)	60	04	---	04
32		Literatura Portuguesa do Simbolismo às Tendências Contemporâneas (NE)	60	04	---	04
33		Literatura Brasileira do Simbolismo ao Modernismo (NE)	60	04	---	04
34		Produções Acadêmico-Científicas (NCL)	60	04	---	04
35		Optativa I (NL)	60	04	---	04
36		Análise do Discurso (NCL)	60	04	---	04
<b>TOTAL</b>			<b>360</b>	<b>24</b>	<b>---</b>	<b>24</b>
<b>7º PERÍODO – DISCIPLINAS</b>			<b>CH</b>	<b>Créditos</b>		<b>Total</b>
				<b>Teórico</b>	<b>Prático</b>	
37		Literatura Brasileira - Tendências Contemporâneas (NE)	60	04	---	04
38		OPTATIVA II (NL)	60	04	---	04
39		Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa - Ensino Fundamental (NCL)	225	----	05	05
<b>TOTAL</b>			<b>345</b>	<b>08</b>	<b>05</b>	<b>13</b>
<b>8º PERÍODO – DISCIPLINAS</b>			<b>CH</b>	<b>Créditos</b>		<b>Total</b>
				<b>Teórico</b>	<b>Prático</b>	
40		Estágio Curricular Supervisionado em Língua Portuguesa - Ensino Médio (NCL)	180	---	04	04
41		Atividades Acadêmico Científico Culturais - AACC	225	----	05	05
		Trabalho de Conclusão de Curso – TCC				
<b>TOTAL</b>			<b>405</b>	<b>----</b>	<b>09</b>	<b>09</b>

<b>TOTAL GERAL</b>	<b>3.195</b>	<b>144</b>	<b>23</b>	<b>167</b>
--------------------	--------------	------------	-----------	------------

## 6.2. CARGA HORÁRIA

O Curso de Letras assim como os demais cursos, possui sua carga horária específica contemplando as dimensões teóricas e práticas, perfazendo um total de 3.135 horas distribuídas em disciplinas Específicas do curso (NE), 990 horas, disciplina de Núcleo Comum (NC), 540 horas e as Práticas. Disciplinas do Núcleo Livre (NL) 540 horas. As práticas sendo disciplinas de fundamentação teórica e vivência das atividades desenvolvidas fora e/ou dentro dos muros do centro, perfazem carga horária de 405 horas, seguidas do Estágio.

Curricular Supervisionado Ensino Fundamental e Médio com 405 horas e as AACC- Atividades Acadêmico-Científica-Cultural 225 horas. Com essa carga horária distribuída em oito (08) períodos, o tempo de integralização do Curso é de no mínimo quatro (04) e máximo (08) anos.

## 6.3. DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA

	Cód.	DISCIPLINAS DO NUCLEO ESPECIFICO	CH	Créditos		Total
				Teórico	Prático	
1		Sociolinguística (NE)	60	04	---	04
2		Morfologia da Língua Portuguesa (NE)	60	04	---	04
3		Literatura Brasileira das origens ao Arcadismo (NE)	60	04	---	04
4		Literatura Portuguesa das origens ao Arcadismo (NE)	60	04	---	04
5		Literatura Portuguesa das origens ao Arcadismo (NE)	60	04	---	04
6		Sintaxe da Língua Portuguesa (NE)	60	04	---	04
7		Prática Interdisciplinar de Leitura e Produção Textual em Língua Portuguesa (NE)	135	---	03	03
8		Literatura Portuguesa do Romantismo ao Realismo (NE)	60	04	---	04
9		Literatura Brasileira do Romantismo ao Realismo (NE)	60	04	---	04
10		Literatura Portuguesa do Simbolismo às Tendências Contemporâneas (NE)	60	04	---	04
11		Literatura Brasileira do Simbolismo ao Modernismo (NE)	60	04	---	04
12		Linguística Aplicada (NE)	60	04	---	04
13		Literatura Maranhense (NE)	60	04	---	04
<b>TOTAL</b>			<b>855</b>	<b>48</b>	<b>03</b>	<b>47</b>

#### 6.4. DISCIPLINAS DO NÚCLEO COMUM PARA LETRAS (DNC)

Ord.	Cód.	DISCIPLINAS DE NÚCLEO COMUM PARA AS LICENCIATURAS	CH	Crédito		Total
				Teórico	Prático	
1		Filosofia da Educação	90	06	---	06
2		Sociologia da Educação	60	04	---	04
3		Psicologia da Aprendizagem	60	04	---	04
4		Política Educacional Brasileira	60	04	---	04
5		Didática	90	06	---	06
6		Leitura e Produção Textual	60	04	---	04
7		Metodologia Científica	60	04	---	04
8		Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – Lei nº 10.436/2002	60	04	---	04
<b>TOTAL GERAL</b>			<b>540</b>	<b>36</b>	<b>---</b>	<b>36</b>

#### 6.5. DISCIPLINAS LIVRES

C	Cód.	DISCIPLINAS DO NÚCLEO LIVRE (NL)	CH	Crédito		Total
				Teórico	Prático	
1		Educação Especial e Inclusiva (NL)	60	4		4
2		História da Educação Brasileira (NL)	60	4		4
3		Filosofia da Linguagem (NL)	60	4		4
4		Teoria da Comunicação (NL)	60	4		4
5		Cultura e Realidade Brasileira (NL)	60	4		4
6		Língua Estrangeira Instrumental (NL)	60	4		4
7		Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (NL)	60	4		4
8		História e Cultura Indígena (NL)	60	4		4
9		Projetos de Pesquisa (NL)	60	4		4

#### 6.6. EMENTÁRIOS E REFERENCIAIS DAS DISCIPLINAS DO CURSO

<b>1º PERÍODO</b>
<b>❖ LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL – 60h – (NC)</b>
Linguagem. Texto e textualidade. Gramática do texto. Critérios para a análise da coerência e da coesão. Intertextualidade. Prática de leitura e produção de textos.

## BIBLIOGRAFIA:

### Básica:

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula. São Paulo: Petrópolis, 2002.

DIONISIO, Ângela Paiva et al. (Org.) Gêneros textuais & ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2003.

KLEIMAN, Ângela. Leitura: ensino e pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A coerência textual. São Paulo: Contexto, 2003.

### Complementar:

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2003.

VAL, Maria da Graça Costa. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

## ❖ MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA LATINA – 60h – (NCL)

Civilização romana. Origem e evolução da língua romana. Sintaxe latina. Flexão nominal (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª declinações). Flexão verbal (voz ativa): as quatro conjugações e o verbo ESSERE.

## BIBLIOGRAFIA:

### Básica:

ALMEIDA, Napoleão Mendes. Gramática latina. São Paulo: Saraiva, 1995.

COMBA, P. Júlio. Introdução à língua latina. São Paulo: Salesiana, 2002.

MELASSO, Janete. Introdução à prática do latim. Brasília: UNB, 2001.

### Complementar:

BUSSARELLO, Raulino. Dicionário básico latino - português 6.ed. Florianópolis: UFSC, 2003.

CARDOSO, Zélia de Almeida. Iniciação ao latim. São Paulo: Ática, 2001.

COMBA, P. Júlio. Gramática latina. São Paulo: Salesiana, 2002.

REZENDE, Antônio Martinez de. Latina essentia: preparação ao latim. 3.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

STOCK, Leo. Gramática de latim. Lisboa: Presença, 2000.

### ❖ HISTÓRIA DA LITERATURA – 60h – (NCL)

Os gêneros literários clássicos como visões de mundo socialmente diferentes. Literatura grega: a poesia épica clássica; a dramaturgia grega. A periodização da literatura latina. Formação da poesia e da prosa latina. O modelo clássico canônico das epopéias ocidentais; o gênero lírico como expressão da visão democrática e libertadora de parâmetros aristocráticos.

#### BIBLIOGRAFIA

##### BÁSICA:

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. Teoria da Literatura. Coimbra: Almeida, 1979.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

COSTA, Lígia Militz da. A poética de Aristóteles – mimese e verossimilhança. São Paulo, Ática, 1992.

CARDOSO, Zélia de Almeida. Literatura Latina. 2ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FURLAN, Osvaldo. Língua e Literatura Latina e sua derivação Portuguesa. Florianópolis: Ed. UFSC, 1991

##### COMPLEMENTAR:

CALVINO, Ítalo. Por que ler os Clássicos? São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MASSAUD, Moisés. Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultix, 1992.

.BASSETO, Bruno Fregni. Elementos de Filologia Românica: História externa das Línguas. 2ª. Edição. São Paulo; EDUSP, 2005.

MATTHEWS, Gareth B. Tradução de Álvaro Cabral. Santo Agostinho: a vida e as idéias de um filósofo diante do seu tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

### ❖ FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO – 90h – (NC)

Filosofia da Educação e suas raízes históricas. Fundamentos filosóficos da educação: concepção humanista – tradicional e moderna. A Filosofia da práxis e a dimensão ontológica da educação. Problemas básicos em Filosofia da Educação. Educando e educador: ideologia e utopia, repressão e libertação. Filosofia da educação no contexto brasileiro.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### BÁSICA:

ARANHA, Maria Lucia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: introdução à filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 1986.

BONDIN, Jean. Los seis Libros de La República ao filosofar. Madrid, Espanha: Editorial Tecnos, 1997.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. O que é realidade. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COMPLEMENTAR:

GEOVANNI, Reale e ANTISERI, Dário. História da Filosofia, V. I, II e III. São Paulo: Paulus, 1990.

GEOVANNI, Reale. História da Filosofia Antiga, V. I, II, III, IV e V. São Paulo: Loyola, 1993.

LACORTE, Jean. A filosofia no século XX. São Paulo: Papyrus, 1992.

LUCKESI, Cipriano Carlos e PASSOS, Elizete Silva. Introdução a Filosofia, Aprendendo a pensar. São Paulo: Cortez, 1995.

LORBISIER, Roland. Introdução a Filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LUCKESI, Cipriano Carlos e PASSOS, Elizete Silva. Introdução a Filosofia, Aprendendo a pensar. São Paulo: Cortez, 1995.

❖ **METODOLOGIA CIENTÍFICA – 60h - (NC)**

Metodologia científica. Conhecimento. Ciência. Métodos científicos. Pesquisa científica. Projeto de Pesquisa científica. Projeto de Pesquisa. Relatório científico.

BIBLIOGRAFIA:

BÁSICA:

ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 1994.

DEMO, Pedro. Introdução à metodologia da ciência. São Paulo: Atlas, 1994.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. de A. Metodologia científica. 2 ed. Ver. Amp. São Paulo: Atlas, 1992.

\_\_\_\_\_. Metodologia do trabalho científico. 4 ed. Ver. Amp. São Paulo: Atlas, 1992.

MARCONI, M. de A. , LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1990.

COMPLMENTAR:

BUNGE, Mário. Ciência e desenvolvimento. Trad. Claudia Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

CERVO, L., BERVIAN, P. A. Metodologia científica. São Paulo: MC Graw - Hill do Brasil,

1976.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 36 ed. Col. Questões da nossa época nº. 13. São Paulo: Cortez, 1998.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1978.

### ❖ PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM – 60h – (NC)

Concepções atuais da Psicologia da Educação. Aspectos gerais do processo ensino – aprendizagem. Fatores psicológicos implicados na aprendizagem escolar. As teorias da aprendizagem. A interação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### BÁSICA:

CAMPOS, Dinah Martins de Souza . Psicologia e desenvolvimento humano. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Psicologia da aprendizagem. 30. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NOVAIS, Maria Helena. Psicologia da educação e prática profissional. Petrópolis, Rj: Vozes, 1992

##### COMPLEMENTAR:

JOSÉ, Elisabete da Assunção; Coelho, Maria Teresa. Problemas de aprendizagem. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001

TELES, Antonio Xavier. Psicologia moderna. 35. ed. São Paulo: Ática, 2001.

### 2º PERÍODO

### ❖ FONÉTICA E FONOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)

Fonética. Fonologia. Aparelho fonador. Estudo fonético-fonológico da língua portuguesa, em uso no Brasil, tendo por referência compreensão de variações e variedades de seus registros escritos e orais como recursos expressivos.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### BÁSICA:

CAGLIARI, Luis Carlos - Análise fonológica. Série lingüística vol.1, Campinas, Ed. do Autor, 1997.

CALLOU, Dinah e LEITE, Ionne - Introdução à Fonética e Fonologia. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1990.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. Uma pronúncia do português brasileira. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Estudos de fonética do idioma português. São Paulo: Cortez, 1982.

##### COMPLEMENTAR:

ASSIS, W. L. N. de. Estudo de curvas entonatórias do português do brasileiro. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e lingüística. São Paulo: Scipione, 1995.

CALLOU, Dinah, LEITE, Yonne. Iniciação à fonética e à Fonologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

## ❖ POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA – 60h (NC)

Políticas educacionais: determinantes políticos, históricos e sociais. Aspectos legais, normativos e organizacionais das políticas educacionais no Brasil. O Plano de Desenvolvimento da Educação como política para a educação no Brasil na atualidade.

### BIBLIOGRAFIA:

#### BÁSICA:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação. 15. ed. São Paulo: Moderna. 2002.

BANDÃO, Carlos da Fonseca. Estrutura e Funcionamento do Ensino. São Paulo: Avercamp. 2004.

CHAGAS, Valmir. Educação Brasileira: O Ensino de 1º e 2º Graus Antes, Agora e Depois? São Paulo: Saraiva, 1978

RIBEIRO, Maria Luisa Santos, História da Educação Brasileira: A Organização Escolar. São Paulo: Autores Associados, 1993

#### COMPLEMENTAR:

BRASIL. Plano Decenal de Educação para todos. Brasília: MEC, 1994.

\_\_\_\_\_ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_ Lei que dispõe sobre o fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério. Lei nº. 9.424/96. MEC, 1996.

CARNEIRO, Moacir Alves, LDB Fácil Leitura Crítico – compreensiva: Artigo a Artigo. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

.MARANHÃO. Sistema de Estado da Educação Plano decenal de Educação para todos. São Luís: SSEDUC/SIDGE, 1994.

\_\_\_\_\_ Diretrizes e Estratégias para política Educacional do Estado do Maranhão. São Luís: GDM, 2000.

\_\_\_\_\_ Proposta de Municipalização de Educação Infantil e Ensino Fundamental para o Estado do Maranhão. São Luís: SEEDUC, 2005.

PARO, Vitor Henrique (org). Políticas Públicas e Educação Básica. São Paulo: Xamã, 2001.

.ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. História da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

SAVIANE, Dermeval. Educação Lei de Educação: Trajetória, limites e perspectivas. 2 ed. São Paulo, 1997 – Coleção Educação Contemporânea.

**❖ TEORIA LITERÁRIA: INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS E O GÊNERO LÍRICO E O ÉPICO – 60h – (NCL)**

A Teoria Literária – campo de atuação: noções básicas de Teoria da Literatura e a importância do seu estudo. A Literatura: conceitos e funções atribuídos à Arte Literária do período Clássico ao Contemporâneo. A criação poética: a natureza e o significado do ato criador. A linguagem literária: sistema semiótico primário e sistema semiótico secundário. Teoria dos gêneros literários e das estéticas literárias.

**BIBLIOGRAFIA:**

Básica:

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. Teoria da literatura. Coimbra: Portugal: Livraria Almedina, 1996.

AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários. 2. ed. São Paulo: Cultrix, [s.d].

CALVINO, Italo. Por que ler os Clássicos? São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria de texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. Teoria e texto 2: teoria lírica e do drama. São Paulo: Ática, 1995.

MOISÉS, Massaud. A criação literária: poesia. 12. ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1993.

SAMUEL, Rogel (org.). Manual de teoria literária. 14. ed. rev. e atualiz. Petrópolis: Vozes, 2001.

STAIGER, Emil. Conceitos fundamentais da poética. Tradução de Celeste Aída Galeão. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997 (Coleção Biblioteca Tempo Universitário, 16).

Complementar:

CADEMARTORI, Lúcia. Períodos literários. 9. ed. 4. impressão. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios, 21).

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos? Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. Petrópolis: Vozes: 1992.

COSTA, Lúcia Militz da. A poética de Aristóteles - mimese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992.

D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura ocidental: autores e obras fundamentais. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra; revisão da tradução de João Azenha Jr. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOLDSTEIN, Norma. Versos, sons, ritmos. 14. ed. rev. e atualizad. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios, 06).

GOMES, Álvaro Cardoso; VECHI, Carlos Alberto. Introdução ao estudo da literatura. São Paulo: Atlas, 1991.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Luiz Costa. Teoria da literatura em suas fontes. Vols. 1 e 2. Ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

#### ❖ FUNDAMENTOS DA LINGUÍSTICA – 60h – (NCL)

A natureza da linguagem humana. Conceitos e objetos. A Linguística como Ciência. Teorias das competências linguísticas. Principais teorias linguísticas. O papel da Linguística nos cursos de Letras.

##### BIBLIOGRAFIA:

##### BÁSICA:

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). Manual de linguística. 1. ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2009.

##### COMPLEMENTAR:

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Linguística de Texto: o que é e como se faz. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2014.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, EniPulcinelli. O que é linguística. São Paulo: Brasiliense, 2008.

#### ❖ SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO – 60h – (NC)

Teorias sociológicas da educação. Sociedade, Educação, Cultura e valores. Estudo das concepções teóricas na educação no discurso sociológico dos autores clássicos das ciências sociais e no discurso dos autores contemporâneos. Educação, Política e sociedade: as relações no âmbito interno e externo do sistema escolar. Educação: estabilidade e conflito social.

##### BIBLIOGRAFIA:

##### BÁSICA:

CARVALHO, Alonso Bezerra de, BRANDÃO, Carlos da Fonseca. Introdução à sociologia da cultura, São Paulo: Evercamp, 2005.

CARVALHO, Alonso Bezerra de, SILVA, Wilton Carlos Lima da. Sociologia e Educação, São Paulo: Avercamp, 2006.

DEMO, Pedro. Sociologia da Educação: sociologia e suas oportunidades. Brasília: OLIVEIRA, Betty. A; DUARTE, Newton. Socialização do saber escolar. São Paulo: Cortez, 1990.

COMPLEMENTAR:

FRANCO, Luís Antonio de Carvalho. A escola de trabalho da escola. São Paulo: Cortez, 1991.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. Pedagogia: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez, 1988.

GOH, Maria da Glória. Movimentos sociais e a educação. São Paulo Cortez, 1994.

KRUPPA, Sônia M. Portella. Sociologia da educação. São Paulo: Cortez, 199

#### ❖ PRÁTICAS DE PROJETOS PEDAGÓGICOS – 135h – (NCL)

Diretrizes e referenciais curriculares para a educação básica. Os PCN's e o Projeto Educativo da escola. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. Processos para desenvolver a interdisciplinaridade nas classes escolares. A interdisciplinaridade no planejamento. A Pedagogia de Projetos de ensino: concepção, fundamentação, objetivos e caracterização. A formação de professores e de alunos investigadores. Passos para a construção de projetos. A prática de elaboração e aplicação de projetos pedagógicos.

#### BIBLIOGRAFIA

##### Básica

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. Interdisciplinaridade: um novo paradigma curricular. In: GOULART, Íris Barbosa (Org.). A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar. 1ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 1995, p.93-104.

BORDONI, Thereza Cristina. Pedagogia de projetos: passo a passo. AMAE educando. Belo Horizonte. Fundação AMAE para Educação e Cultura, 2000, n. 292, jun. p. 18-20.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Básica. Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC/SEM, 2000.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

GANDIN, Adriana Beatriz. Metodologia de projetos na sala de aula: relato de uma experiência. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5 ed., Porto Alegre- RS: Artmed, 1998.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão, 1996. v. 2, n. 8, mar/abr. p.24-33.

RAIÇA, Darcy (Org.). A prática de ensino: ações e reflexões. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

COMPLEMENTAR:

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. Escola, leitura e produção de textos. Porto Alegre- RS: Artmed, 1995.

### 3º PERÍODO

#### ❖ DIDÁTICA – 90h - (NC)

Contextualização da Didática. Componentes do processo ensino-aprendizagem. Organização do trabalho docente: planejamento e plano de ensino. Avaliação da aprendizagem: concepções e práticas.

BIBLIOGRAFIA:

BÁSICA:

CANDAU, Vera Maria. (org). A didática em questão. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Rumo a uma nova didática. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública. A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

MASETO, Marcos. Didática. A sala de aula como centro. São Paulo: FTD, 1997.

COMPLEMENTAR:

CANDAU, Vera Maria. (org). A didática em questão. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

MASETO, Marcos. Didática. A sala de aula como centro. São Paulo: FTD, 1997.

MAXIMILIANO, Menegolla e SANT'ANA. Por que planejar? Como Planejar? Currículo-Área-Aula. 3. ed. Petrópolis.

\_\_\_\_\_. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

#### ❖ TEORIA LITERÁRIA: CORRENTES DA CRÍTICA LITERÁRIA E O GÊNERO DRAMÁTICO – 60h – (NCL)

Panorama da Crítica Literária. A narrativa, a poesia e o drama. Métodos da Crítica Literária. Tendências atuais da Crítica Literária. Análise do objeto literário numa perspectiva literária.

## BIBLIOGRAFIA:

### BÁSICA:

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2001.

BARTHES, Roland. Crítica e verdade. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. (Coleção Debates, 24). 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BERGEZ, Daniel et al. Métodos críticos para a análise literária. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata; revisão da tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira; prefácio de Daniel Bergez. (Coleção Leitura e Crítica). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRANDÃO, Junito de Souza. Teatro grego: tragédia e comédia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

IMBERT, Enrique Anderson. A Crítica Literária: seus métodos e problemas. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

### COMLMENTAR:

BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. Tradução de IzidoroBlikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. Teatro brasileiro do século XX. (Coleção Margens do Texto). São Paulo: Scipione, 1995.

COMMELIN, P. Mitologia grega e romana. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. Teoria do texto 2: teoria da lírica e do drama. 1. ed. 4. impressão. São Paulo: Ática, 2003.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura:uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra; revisão da tradução de João Azenha Jr. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ROGER, Jérôme. A crítica literária. Tradução de Rejane Janowitzzer. (Coleção Enfoques: Letras). Rio de Janeiro: Difel, 2002.

MAGALDI, Sábado. Iniciação ao teatro. (Série Fundamentos, 6). 7. ed. 2. impres. São Paulo: Ática, 2000.

PEIXOTO, Fernando. O que é teatro. (Coleção Primeiros Passos, 10). São Paulo: Brasiliense, 2003.

RALLO, Elisabeth Ravoux. Métodos de crítica literária. Tradução de Ivone C. Benedetti. (Coleção Leitura e Crítica). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RYNGAERT, Jean-Pierre. Introdução à análise do teatro. Tradução de Paulo Neves. Revisão da tradução de Mônica Stahel. (Coleção Leitura e Crítica). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SAMUEL, Rogel (org.). Manual de teoria literária. 14. ed. rev. e atualiz. Petrópolis: Vozes, 2001.

#### ❖ **SOCIOLINGÜÍSTICA – 60h - (NE)**

Introdução à Sociolinguística: conceito, objeto e definição. Língua, Norma e Uso. Variação e Mudança linguística. Diversidade linguística e ensino de língua materna. Análise sociolinguística de variantes padrão/não padrão do português brasileiro.

##### BIBLIOGRAFIA:

##### BÁSICA:

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: princípios de análise. 4. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTA, Mário Eduardo (org.). Manual de linguística. 1. ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2009.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

##### COMPLEMENTAR:

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

WEINREICH, LABOV & HERZOG. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

#### ❖ **MORFOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)**

Forma, função e sentido. Estrutura dos vocábulos. Formação dos vocábulos. Classificação dos vocábulos.

##### BIBLIOGRAFIA

##### Básica:

CARONE, F. Morfossintaxe. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. Coordenação e Subordinação - Confrontos e Contrastes. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Sousa e, KOCH, Ingedore G. Villaça. Linguística aplicada ao português: morfologia. São Paulo: Cortez, 1993.

SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de & KOCH, I. V. (1989). *Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe*. São Paulo: Cortez.

UCHÔA, C. E. F. *O ensino da gramática: caminhos e descaminhos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Complementar:

CASTILHO, A. T de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CARONE, F. *Coordenação e Subordinação - Confrontos e Contrastes*. São Paulo: Ática, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Padrão, 1992.

SAUTCHUK, Inez. *Prática de morfossintaxe*. São Paulo: Manolo, 2004.

VILELA, M. & KOCH, I. V. (2001). *Gramática da língua Portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso*. Coimbra: Almedina

**❖ LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)**

A África de Língua Portuguesa e sua literatura africana (angolana, caboverdiana, moçambicana), em sua origem e desenvolvimento, caracteres lingüísticos/estilísticos, sociais. Poesia e prosa, em seus principais autores/obras. Aspectos da literatura moçambicana de autoria feminina. Ecos e Reflexos africanos na Literatura Brasileira. Conexões entre a Literatura Brasileira e a Literatura Africana em estudo.

BIBLIOGRAFIA

BÁSICA:

APA Livia et al. *Poesia africana de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

CHAVES, R. *Angola e Moçambique - experiência colonial e territórios literários*. Cotia: Ateliê, 2005.

CHAVES, R., CAVACAS, Fernanda, MACÊDO, Tania (Org.). *Mia Couto: o desejo de contar e de inventar*. Maputo: Nzila, 2010.

CHAVES, R., VIEIRA, José Luandino, COUTO, MÍa (Org.) . *Contos africanos de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009

CHAVES, R., MACÊDO, Tania Celestino de, SECCO, Carmen Lúcia Tindó (Org.). *Brasil/África: como se o mar fosse mentira*. 02. ed. São Paulo/ Luanda: UNESP/ Chá de Caxinde, 2006

.CHAVES, Rita de Cássia Natal. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

GALANO, Ana Maria et al. (orgs) *Lingua Mar: Criações e Confrontos em Português*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997,

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde - Literatura em Chão de Cultura*. São Paulo: Atelier, 2005.

PADILHA, Laura. Entre voz e letra. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. 2. ed. Niterói / Rio de Janeiro: EdUFF / Pallas, 2007.

COMPLEMENTAR:

MACEDO, T. C. Luanda, cidade e literatura. São Paulo; Luanda: UNESP; Nzila, 2008.

MACEDO, T. C., CHAVES, Rita de Cássia Natal (Org.). Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

MACÊDO, Tania Celestino de, CHAVES, R. Literaturas de língua portuguesa - Marcos e Marcas - Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MATA, I., PADILHA, Laura (Org.). A mulher em África - Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

MATA, Inocência. Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta. Lisboa: Mar Além, 2001.

PADILHA, Laura, RIBEIRO, M. C. (Org.). Lendo Angola. Porto: Afrontamento, 2008.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre literaturas de Angola, Moçambique e alguns outros diálogos. Rio de Janeiro: ABE Graph, 2003.

\_\_\_\_\_. Eroticismo moçambicano: Virgílio de Lemos & heterônimo; breve antologia da poesia escrita em Moçambique, 1944-1963. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Faculdade de Letras da UFRJ, 1999.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Teresa (Org.). África & Brasil: letras em laços. 2. ed. São Paulo: Yendis, 2006.

SILVA, Manuel de Souza. Do alheio ao próprio: a poesia em Moçambique. São Paulo: Edusp, 1996.

TABORDA, Terezinha. O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2005.

**❖ PRÁTICA DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA E TEXTOS LITERÁRIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA – 135h – (NCL)**

Desenvolvimento de habilidades cognitivas a partir da integração dos conteúdos das disciplinas que compõem o presente semestre e o anterior. Para isso, enfatiza o próprio desenvolvimento da leitura, análise e interpretação de múltiplas linguagens através de textos diversos.

**BIBLIOGRAFIA**

**BÁSICA:**

ANTONIO CÂNDIDO. Formação da literatura brasileira. V.I e II. Belo Horizonte, Itatiaia, 1996.

FIORIN, José Luís; SAVIOLI, Francisco. Para entender o texto. São Paulo, Ática, 1996.

LYONS, John. Linguagem e Lingüística. Rio de Janeiro, Guanabara: Koogan, 1987.

PERINI, Mário A. Gramática descritiva do português. São Paulo, Ática, 1998.

SILVA, E.T. DA. Criticidade e leitura: ensaios. Campinas: Mercado de Letras, Associação Brasileira de Leitura, 1998.

COMPLEMENTAR:

CAVALCANTI, Marilda C. Interação leitor-texto: aspectos de interpretação pragmática. Campinas: UNICAMP, 1989.

#### **4º PERÍODO**

##### **❖ FILOLOGIA ROMÂNICA – 60h – (NCL)**

Conceito e evolução da Filologia. Variedades da Língua Latina. Características do latim vulgar. A formação das línguas românicas. O estudo comparativo de textos em português, espanhol e italiano.

##### **BIBLIOGRAFIA**

BÁSICA:

BASSETO, Bruno Fregni. Elementos da Filologia Românica. São Paulo: EDUSP, 2003.

ILARI, Rodolfo. Lingüística românica. São Paulo: Ática, 1982.

SPAGGIARI, Bárbara & PERUGI, Maurizio. Fundamentos da crítica textual: história, metodologia, exercícios. São Paulo: Lucerna, 2004.

STÖRIG, Hans Joachim. Aventura das línguas: uma história de idiomas do mundo. 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

COMPLEMENTAR:

COUTINHO, Ismael. Gramática histórica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

ELIA, Sílvio. Preparação à lingüística românica. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1979.

MELASSO, Janete. Introdução à prática do latim. Brasília: UNB, 2002.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SOUZA, Antônio Cândido Melo e et al. Estudos de filologia e lingüística. São Paulo: EDUSP, 198

##### **❖ LITERATURA BRASILEIRA DAS ORIGENS AO ARCADISMO – 60h – (NCL)**

Literatura de Informação. Literatura Catequética. Barroco. Arcadismo.

##### **BIBLIOGRAFIA**

BÁSICA:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. Tempos da literatura brasileira. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_, Alfredo. Dialética da colonização. 3. ed. 1. reimpres. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CÂNDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. Vol1. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

COMPLEMENTAR:

COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_, Afrânio. A literatura no Brasil: a era barroca, a era neoclássica. São Paulo: Global, 1997.

MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira: origem, barroco e arcadismo. São

**❖ LITERATURA INFANTO JUVENIL – 60h – (NC)**

Estatuto da literatura infantil. Origens históricas do gênero. Características da obra literária para crianças e jovens. A narrativa e a poesia infanto juvenil. A produção Literária brasileira para crianças e jovens. Critérios de seleção de textos.

BIBLIOGRAFIA:

BÁSICA:

BETTLHEIM, Bruno. A Psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. Panorama histórico da literatura infanto-juvenil. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. Literatura infanto-juvenil. São Paulo: Ática, 1991.

COMPLEMENTAR:

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZIBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: história & histórias. São Paulo: Ática, 2006.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. Leitura prazer: interação participativa com a leitura infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 2008.

SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens. São Paulo: Global, 2001.

**❖ LITERATURA PORTUGUESA DAS ORIGENS AO ARCADISMO – 60h – (NE)**

O Trovadorismo português. O Humanismo em Portugal. O Renascimento literário português. A literatura barroca. O movimento literário árcade (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

## BIBLIOGRAFIA

### BÁSICA:

MEDEIROS, Lênia Márcia de. A literatura portuguesa em perspectiva. V. I. São Paulo: Atlas, 1992.

MIRANDA, José Fernando. Ressurgimento. Porto Alegre: Sagra, 1987.

### COMPLEMENTAR:

MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa através dos textos. São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. A literatura portuguesa. São Paulo: Cultrix, 1980.

OLIVEIRA, Cândido de. Súmulas de literatura portuguesa. São Paulo: Biblos. s.d.

PROENÇA FILHO, Dominicio. Estilos de época na literatura. São Paul: Ática, 1995.

### ❖ SINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NE)

Estudo da sintaxe. Fundamentação da noção de gramática. Categorias da descrição gramatical.

## BIBLIOGRAFIA

### BÁSICA:

AZEREDO, José Carlos de. Iniciação à Sintaxe do Português. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LUFT, C. Pedro. Moderna Gramática Brasileira. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

PASQUALE & ULISSES. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Scipione, 1999.

### COMPLEMENTAR:

PERINI, Mário. Sintaxe Portuguesa: metodologia e funções. São Paulo, 1989.

### ❖ PRÁTICA INTERDISCIPLINAR DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM LÍNGUA PORTUGUESA – 135h – (NE)

Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para Ensino Fundamental e Médio. Os novos paradigmas para o ensino de Língua Portuguesa. Apresentação da área de Língua Portuguesa. Conceitos e procedimentos subjacentes às práticas de linguagem. Práticas de leitura de textos escritos. O ato de ler. Estratégias de leitura. As habilitações de leitura de textos em língua materna. Elaboração e ampliação de Projetos de Leitura. Prática de produção de textos orais e escritos. As práticas de escritas. Condições de produção do texto escrito. Elaboração e ampliação de projetos de Escrita.

## BIBLIOGRAFIA

### BÁSICO:

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Linguística Aplicada – Ensino de línguas e Comunicação. Campinas, SP: Pontes Editores e Arte Língua, 2005.

\_\_\_\_\_. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas, SP: Pontes Editores. 4. ed, 2007.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas. Goiânia: UFG, 1997.

COMPLEMENTAR:

MAIA. A.M.B. de. Análise Comparativa/Contrastiva das Abordagens Gramatical e Comunicativa. In: Desempenho. Revista dos mestrados em Linguística Aplicada da UnB. Nov. 2002, nº 01. Sousa, Gabriel, Lucilene Bender de. e Rosângela. Aprendendo Palavras Através da Leitura. 1.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

### **5º PERÍODO**

#### **❖ SEMÂNTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA – 60h – (NCL)**

Aspectos da significação lexical e da significação contextual. Significação e contexto. Referência, sentido e denotação. Os campos semânticos. As relações de sentido. Léxico e semântica

BIBLIOGRAFIA:

BÁSICA:

GUIRAUD, Pierre. A semântica. Trad. Mascarenhas, Maria Elisa. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GREGOLIN, Maria do Rosário e BARONAS, Roberto (orgs.). Análise do discurso: as materialidades do sentido. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2003.

GREIMAS, A. J. Semântica estrutural. São Paulo: Cultrix, 1976.

ILARI, Rodolfo. Introdução à semântica: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2004.

COMPLEMENTAR:

CABRAL, Leonor Scliar. Introdução à lingüística. Rio de Janeiro: Globo, 1998.

LOPES, Edward. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1995.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). Semântica. In: Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. vol 2. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, R. Semântica formal. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

#### **❖ LITERATURA PORTUGUESA DO ROMANTISMO AO REALISMO – 60h – (NE)**

O Romantismo em Portugal. A literatura realista/naturalista portuguesa (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

## BIBLIOGRAFIA

### BÁSICA:

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1985.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Núcleo, 1995..

TUFANO, Douglas. *De Camões a Pessoa: antologia escolar da poesia portuguesa*. São Paulo: Moderna, 1993.

### COMPLEMENTAR:

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 1990.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Literatura Portuguesa através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1985.

PINHEIRO, Célio. *Introdução à Literatura Portuguesa*. São Paulo: Pioneira, 1991.

SARAIVA, Antonio José. *Iniciação à Literatura Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

## ❖ LITERATURA BRASILEIRA DO ROMANTISMO AO REALISMO – 60h – (NE)

O Romantismo brasileiro. A literatura realista/ naturalista (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

### BIBLIOGRAFIA:

#### BÁSICA:

BOSI, Alfredo. *História Concisa da literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2000.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_, Afrânio. *A literatura no Brasil: a era realista*. Vol4. São Paulo: Global, 2004.

GOMES, Álvaro Cardoso. *O Simbolismo*. São Paulo: Ática, 1994.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2000.

#### COMPLEMENTAR:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Yousset. *Tempos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ática, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do Romance*. São Paulo: Editora Unesp/ HUCITEC, 1990.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do Texto: Prolegômenos e teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 2000

GONZÁLEZ, Mário. *O Romance Picaresco*. São Paulo: Ática, 1988. (série princípios)

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. O Foco Narrativo. São Paulo: Ática; 2001 ( série princípios.)

LUCAS, Fábio. O Caráter Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1970.

MONTINEGRO, Olívio. O Romance Brasileiro. Recife. FUNDAPE, 1996.

MOISÉS, Massaud. A análise literária. São Paulo: Cultrix, 1981

NUNES, Benedito. O Tempo da Narrativa. São Paulo: Ática, 2000.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Análise Estrutural de Romances Brasileiros. São Paulo: Ática, 1990

### ❖ LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS – 60h – (NC)

Língua e Linguagem. LIBRAS. Educação de Surdos. Filosofias Educacionais. Cultura e comunidade surda. Gramática da LIBRAS. Fundamentos Legais.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### BÁSICA:

CAPOVILLA, Fernando César. Enciclopédia da língua de sinais brasileira v.1: o mundo do surdo em libras – educação. São Paulo: USP, 2005.

CORRÊA, Ruan Pablo de Araújo. A utilização da linguagem de sinais como recurso de comunicação diferencial. [?], 2004.

SKLIAR, Carlos. Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997

DORZIAT, Ana. O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

##### COMPLEMENTAR:

FELIPE, Tânia A. Libras em contexto: curso básico. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

HONORA, Márcia. Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

PIMENTA, Nelson. Curso de Libras, 1. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica. V.1. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

## ❖ LINGUÍSTICA APLICADA – 60h – (NE)

Definição, domínio e terminologias específicas da área de Linguística Aplicada (LA) e visão de seu objeto de estudo. Visão dos fundamentos da LA sobre o ensino e a aprendizagem de língua materna. Diferentes pesquisas aplicadas à Língua Portuguesa e seus pressupostos teórico-metodológicos. A relação entre teorias de ensino e aprendizagem de línguas. Avaliação e produção de materiais didáticos.

### BIBLIOGRAFIA:

#### BÁSICA:

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.

ORLANDI, EniPulcinelli. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

#### COMPLEMENTAR:

GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003

\_\_\_\_\_. Subjetividade, argumentação, polifonia. A propaganda da Petrobrás. São Paulo, Ed. da Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

CAVALCANTI, M. C. SIGNORINI, I. (orgs.) Linguística Aplicada e transdisciplinaridade. Campinas, São Paulo: Mercado de letras, 1998.

COX, M.I.P. e ASSIS-PETERSON, A. A. de. Cenas de sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Sagra, 1999.

LEFFA, V. (org.) A interação na aprendizagem das línguas. Pelotas, RS: EDUCAT, 2003.

MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. Campinas, SP: Pontes EDUSP, 1993.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2. ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987.

POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

#### ❖ LITERATURA MARANHENSE – 60h – (NE)

Literatura Maranhense: origem, formação, movimentos e agremiações. Poesia maranhense (séculos XIX e XX): principais representantes (neoclássicos e românticos, parnasianos, simbolistas, modernistas, contemporâneos da atualidade), em seus aspectos temáticos, linguísticos e estilísticos. A romanesca maranhense (séculos XIX e XX), principais autores(as) e obras.

#### BIBLIOGRAFIA

##### BÁSICA:

ABRANCHES, Dunsche. O Cativo. São Luís-Ma., Alumar, 1992.

BORRALHO, José Henrique de Paula. Terra e Cé de Nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhã. São Luís-Ma.: Fapema/Café e Lapis, 2009.

\_\_\_\_\_. Uma Athenas Equinocial – a literatura e a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro.

BRANDÃO, Jacyntho José Lins. Presença maranhense na Literatura Nacional. São Luís-Ma: UFMA/SIOGE, 1979.

CALDEIRA, José de Ribamar. O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX. São Luís-Ma.: AML/SIOGE, 1991.

CORRÊA, Rossini. Atenas Brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional. Brasília: Thesaurus/Corrê&Corrêa, 2001.

\_\_\_\_\_. O Modernismo no Maranhão. Brasília: Corrêa & Corrêa Editores, 1989.

JANSEN, José. Teatro no Maranhão. Rio de Janeiro: Gráfica Olympica Editora, 1974.

##### COMPLEMENTAR:

LEAL, Antonio Henriques. Phanteon Maranhense, Ensaio biográfico dos maranhenses ilustres já falecidos. São Luís, 1873. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987. Tomos I e II.

LOBO, Antonio. Os Novos Atenienses. Subsídios para História Literária do Maranhão. São Luís-Ma. Typografia Teixeira, 1909.

MARQUES, César Augusto. Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão. Rio de Janeiro: Fonfon e Seleta, 1970.

MEIRELLES, Mário Panorama da Literatura Maranhense. São Luís-Ma.: Imprensa Oficial, 1955.

MORAES, Jomar. Apontamentos de Literatura Maranhense. 2ª. ed. São Luís-Ma.: Sioge

## 6º PERÍODO

### ❖ LUSOFONIA – 60h – (NCL)

Abordagem histórica e sociolinguística da Língua Portuguesa. Constituição do léxico português. Lusofonia aproximação linguística e distanciamento cultural. Língua Portuguesa: identidade e cultura. Perspectiva literária e historiográfica: Europa, África, Ásia e América.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### BÁSICA:

ALVAREZ, M. L. O. Língua e cultura no contexto de português. Campinas: Pontes, 2010.

DIAS, M. P. de L. & ROQUE, H. J. Cultura e Identidade, discursos. São Paulo: Ensino Profissional, 2007.

ELIA, Silvio. A língua portuguesa no mundo. São Paulo: Ática, 1989.

PAGOTTO, E. G. Variação e identidade. Alagoas: EDUFAL, 2004.

##### COMPLEMENTAR:

ARAÚJO, A. F. da C. Língua e identidade, reflexões discursivas. Alagoas: EDUFAL, 2007.

BASTOS, N. B. & PALMA, D. V. (orgs.) História Entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX. Rio de Janeiro - RJ: Lucerna, 2004,

BASTOS, N. B. Língua Portuguesa em calidoscópico. São Paulo: EDUC / FAPESP, 2004,

ELIA, Sílvio. Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PERINI, Mário A. A língua do Brasil amanhã e outros mistérios. São Paulo: Parábola, 2004.

### ❖ LITERATURA PORTUGUESA DO SIMBOLISMO ÀS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS – 60h – (NE)

O Simbolismo literário. O movimento literário modernista. Tendências Contemporâneas em Portugal (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

#### BIBLIOGRAFIA

##### BÁSICA:

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1985.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Núcleo, 1995..

TUFANO, Douglas. De Camões a Pessoa: antologia escolar da poesia portuguesa. São Paulo: Moderna, 1993.

##### COMPLEMENTAR::

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 1990.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Literatura Portuguesa através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1985.

PINHEIRO, Célio. *Introdução à Literatura Portuguesa*. São Paulo: Pioneira, 1991.

SARAIVA, Antonio José. *Iniciação à Literatura Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Petrópolis.

**❖ LITERATURA BRASILEIRA DO SIMBOLISMO AO MODERNISMO – 60h – (NE)**

O Simbolismo literário. O Parnasianismo brasileiro. O pré-modernismo. A primeira fase do Modernismo no Brasil. A segunda fase modernista (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

**BIBLIOGRAFIA**

**BÁSICA:**

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: SC: Argos, 2009.

AGUIAR, Joaquim. *Poesia da Canção*. São Paulo: Scipione, 1998.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2000.

\_\_\_\_\_, Alfredo. *O conto contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1995.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1982

**COMPLEMENTAR:**

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Saraiva, 1958

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil – Era Modernista*. V 5. São Paulo: Global, 1990.

CYNTRÃO, Sylvia Helena (Org.). *A forma da festa – tropicalismo: a explosão e seus estilhaços*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2000.

MENEZES, Philadelpho. *Roteiro de Leitura: Poesia Concreta e Visual*. São Paulo; Ática, 1998.

PELLEGRINI, Tânia. *A Imagem e a Letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis -

RJ: Vozes, 1982.

Complementar:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Yousset. Tempos da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática, 2001.

BANDEIRA, Manoel. Apresentação da Poesia Brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.

CAMPOS, Augusto de. Poesia. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS, Geir. Pequeno dicionário de Arte poética. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

COHEM, Jean. Estrutura da linguagem poética. São Paulo: Cultrix, 1978.

GOULART, Audemaro Toranto; SILVA, Oscar Vieira da. Introdução ao Estudo da literatura. Belo Horizonte- MG: Editora Lê, 1994

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Além do visível. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

### ❖ **PRODUÇÕES ACADÊMICO-CIENTÍFICAS – 60h – (NCL)**

Gêneros textuais e produções acadêmico-científicas com enfoque na orientação para pesquisa e produção de trabalho de conclusão de curso.

**BIBLIOGRAFIA**

**BÁSICA:**

BARROS, A.; LEHFELD, N. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1998.

CARRANCHO, A. Metodologia da Pesquisa Aplicada à Educação. Rio de Janeiro: Waldyr Lima Editora, 2005.

FAZENDA, I. (Org.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papirus, 1998.

**COMPLEMENTAR:**

GIL, A. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1987.

HENRIQUES, Cláudio Cezar e SIMÕES, Darcília. A Redação de Trabalhos Acadêmicos: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

MACHADO, Anna Raquel. Planejar Gêneros Acadêmicos: escrita científica-texto acadêmico-diário de pesquisa-metodologia. São Paulo, Parábola, 2005.

MINAYO, M. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOREIRA, A. F. (Org.) Para quem pesquisamos? para quem escrevemos? o impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 1999.

ROT, Désirée Motta e HENDGES Graciela Rabuske. Produção Textual na Universidade. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

SIMÕES, Darcilia (org.). A produção de monografias. Coleção *Em Questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 1998.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Tradução Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SZYMANSKI, H. (Org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1998.

#### ❖ ANÁLISE DO DISCURSO – 60h – (NCL)

Estudo das noções de texto, discurso e gênero textual, com ênfase nas relações entre, discurso e contexto. As leis do Discurso. As diferentes Análises do Discurso. Análise do Discurso: origem, filiação teórica e fases. Conceitos de sentido e sujeito. Condições de produção, ideologia e interdiscurso. Prática discursiva.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### BÁSICO:

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

\_\_\_\_\_. Subjetividade, argumentação, polifonia. A propaganda da Petrobrás. São Paulo, Ed. da Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

ORLANDI, Eni. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2005

##### COMPLEMENTAR:

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Sagra, 1999.

LEFFA, V. (org.) A interação na aprendizagem das línguas. Pelotas, RS: EDUCAT, 2003.

MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. Campinas, SP: Pontes EDUSP, 1993.

.MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2. ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987.

POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

## 7º PERÍODO

### ❖ LITERATURA BRASILEIRA - TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS- 60h – (NE)

A geração literária de 1945. A literatura da geração de 1960. A ficção e poesia de 1970 à atualidade (Caracterização estilística, temática e análise de obras fundamentais na prosa e poesia).

#### BIBLIOGRAFIA

##### BÁSICA:

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: SC: Argos, 2009.

AGUIAR, Joaquim. Poesia da Canção. São Paulo: Scipione, 1998.

BOSI, Alfredo. História Concisa da literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2000.

\_\_\_\_\_, Alfredo. O conto contemporâneo. São Paulo: Cultrix, 1995.

CYNTRÃO, Sylvia Helena (Org.). A forma da festa – tropicalismo: a explosão e seus estilhaços. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

MOISÉS, Massaud. A Literatura Brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 2000.

MENEZES, Philadelpho. Roteiro de Leitura: Poesia Concreta e Visual. São Paulo; Ática, 1998.

PELLEGRINI, Tânia. A Imagem e a Letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Ficção Contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

##### .COMPLEMENTAR:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Yousset. Tempos da Literatura Brasileira. São Paulo: Ática, 2001.

BANDEIRA, Manoel. Apresentação da Poesia Brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.

CAMPOS, Augusto de. Poesia. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS, Geir. Pequeno dicionário de Arte poética. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

COHEM, Jean. Estrutura da linguagem poética. São Paulo: Cultrix, 1978.

GOULART, Audemaro Toranto; SILVA, Oscar Vieira da. Introdução ao Estudo da literatura. Belo Horizonte- MG: Editora Lê, 1994

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Além do visível. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

❖ **ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO - ENSINO FUNDAMENTAL – 225h– (NE)**

Conceito, objetivos e recomendações do estágio supervisionado. Simulação de aulas. Habilidades técnicas. Exercício do Estágio Supervisionado. Acompanhamento e avaliação do Estágio Supervisionado.

**BIBLIOGRAFIA**

**BÁSICA:**

BENIGNA, Maria de Freitas Villas Boas. A avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. FONSECA, Marília (orgs). As dimensões do projeto político pedagógico. Campinas: Papirus, 2001.

CASASANTA, Leda Botelho Martins. (apres) Pedagogia de projetos: cadernos amae. Belo Horizonte: Fundação Amae para Educação e Cultura. Outubro, 2000. 60p. Edição especial.

CASTRO, Amélia Domingues e CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (org). Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média. Pioneira: copyright 2001 de Pioneira Thompson Learning Ltda.

**COMPLEMENTAR:**

ELICHIRIGOITY, Maria Teresinha Py (org.). Técnicas e jogos para aprendizagem de

FURTADO, Maria Sílvia Antunes. Resumos e transparências sobre o estágio supervisionado. São Luís, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano. C. A avaliação da aprendizagem escolar. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, Jorge Santos. O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio. 2 ed. Campinas: Papirus, 2002.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: língua estrangeira. Ensino fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: língua portuguesa. Ensino fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: introdução.

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: temas transversais.

RAPOSO, Euline Nunes. O estágio supervisionado na formação de educadores. Texto elaborado pela professora do Uniceuma para a disciplina Estágio Supervisionado. São Luís, 2003.

RIOS, Maria de Fátima Serra. Portfólio: um instrumento de avaliação progressiva. São Luís: UEMA, 2000. 3P.

RONCA, Antônio Carlos Caruso e ESCOBAR, Virgínia Ferreira. Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação? Petrópolis: Vozes, 1986.

### 8º PERÍODO

#### ❖ ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO - ENSINO MÉDIO – 180h – (NE)

Estágio supervisionado: normas de operacionalização de estágio. Planejamento: formulação de objetivos. Técnicas de incentivação. Seleção e organização de conteúdo.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### BÁSICA:

PESSOA, Ana Maria Prática de ensino. Editora Pioneira, SP 1994.

BORDEVANE, Juan Diaz & PEREIRA, Adair Martins. Estratégias de ensino. Vozes, Petrópolis, 1998. 1998.

DELORS, Jacques (organizador ). Educação: um tesouro a descobrir. S.Paulo, Cortez; Brasília, DF: MEC:UNESCO, 2001.

CANDAU, Vera Maria (org,.) Cultural linguagem e subjetividade no ensinar e apreender. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. 2. ed.

\_\_\_\_\_. Ensinar e apreender: sujeito, sabores e pesquisa. ENDIPE, Rio de Janeiro: DP & A, 2002. 2. ed.

##### COMPLEMENTAR:

CARNEIRO, Moacir Alves. Os projetos juvenis na escola de Ensino Médio. Brasília, DF: Interdisciplinar, 2001. Vozes, Petrópolis, 2002.

DEL RIO, Maria José. Psicopedagogia da língua oral: um enfoque comunicativo. Porto Alegre, Artes Médicas. 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

### DISCIPLINAS DE NÚCLEO LIVRE (NL)

#### ❖ FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA (NL) – 60h

Fundamentos legais da política da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. A escola regular como espaço inclusivo. Aprendizagem e possibilidades da pessoa com necessidades especiais no contexto social. Adequações curriculares. Atendimento educacional especializado

## **. BIBLIOGRAFIA:**

### **BÁSICA:**

ARANHA, Maria Salete F. *A inclusão da criança com deficiência. Criança Especial*. São Paulo: Roca, 1995.

BRASIL. CORDE. Declaração de Salamanca e Linha de Ação. Brasília: Corde, 1994.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, 9394/96 (artºs58 a 60). Brasília: 1996.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica – Resolução CNE/CEB nº 2, de 11/09/2001. Brasília: SEESP/MEC, 2001.

BUENO, José Geraldo Silveira. A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino regular. temas sobre desenvolvimento, V.9, nº 54, p. 21-7, 2001.

### **COMPLEMENTAR:**

CARVALHO, RositaEdler. Educação Inclusiva: Com os Pingos nos “is”. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2004.

DUARTE, José B. (org) Igualdade e Diferença numa Escola para Todos: Contextos, controvérsias, perspectivas. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas 2001.

OMOTE, Sadao (org.). Inclusão: Intensão e realidade. Marília: FUNDEP, 2004, p.1-9 e 113-143.

RIBEIRO, Maria LuisaSprovieri e BAUMEL, Rosely C. R. de Carvalho (orgs). Educação Especial: do querer ao fazer. São Paulo: Avercamp, 2003 (cap. I, II, V)

## **❖ HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (NL) – 60h**

A educação no contexto histórico da formação do Estado Brasileiro: período Colonial até os dias atuais A educação no contexto neoliberal. Educação maranhense: aspectos sociais e históricos.

### **BIBLIOGRAFIA:**

#### **BÁSICA:**

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação. São Paulo: Moderna 2000.

FRANCISCO FILHO, Geraldo. A educação brasileira no contexto histórico. São Paulo: Alínea, 2001.

FREITAG, Bárbara. Escola, Estado e Sociedade. São Paulo: Moraes 2000.

GERMANO, José Willington. Estado militar e educação no Brasil. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos et al. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Córtes, 2003.

#### **COMPLMENTAR:**

RIBEIRO, M.<sup>a</sup> L. S. . História da Educação Brasileira: organização do espaço escolar. São Paulo: Cortez, 1999.

RODRIGUES. Regina Nina. Maranhão: Do Europeísmo ao Nacionalismo Política Educação. São Luís: Sioge 1993

ROMANELLI, Otaiza. História da Educação no Brasil. São Paulo: Moraes 2001.

SAVIANI, Dermeval. Educação brasileira: estrutura e sistema. São Paulo: Autores Associados, 2000.

TOBIAS, José Antônio. História da Educação Brasileira. São Paulo: Ibraga, 1986.

#### ❖ FILOSOFIA DA LINGUAGEM (NL) – 60h

Formulação das questões languageiras, O universo do símbolo, As estruturas da linguagem, Pensamento e Palavra. O discurso. Linguagem e cultura. Questões hermenêuticas.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **BÁSICA:**

ALSTON. Filosofia da linguagem. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ARAÚJO, Inês L. Do signo ao discurso – introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2008.

CASSIRER, A. A filosofia das formas simbólicas. México: Fondo de Cultura econômico, 1971

##### **COMPLEMENTAR:**

KARL-OTTO, Apel. La transformacion de la filosofia. Madrid: Taurus, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Signos. Rio de Janeiro: Zahar, 1960

#### ❖ CULTURA E REALIDADE BRASILEIRA (NL) – 60h

Cultura Brasileira: Mito ou Realidade. Bases Históricas da Cultura, Ideologia e Visão do Mundo da Cultura Brasileira. Estrutura Histórica e Social da Cultura Nacional. Cultura Nacional e Regional. Cultura Popular e Brasileira.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **BÁSICA:**

ASSOCIAÇÃO CARLO UBBIALI, INSTITUTO EKOS. Os índios do Maranhão: o Maranhão dos índios. São Luís, 2004.

CABRAL, M. do S. C. Caminhos do Gado: conquista e ocupação do Sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.

LYONS, J. Introdução à linguística teórica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

RODRIGUES, A. D. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

Complementar:

ABRANCHES, D. de. O cativoiro (memórias). 2. ed. São Luís: Academia Maranhense de Letras/Lithograf, 1992.

ABREU, J. C. de. Caminhos Antigos e Povoamentos do Brasil. Rio de Janeiro: Briguiet, 1930.

BARBOSA, A. L. Pequeno Vocabulário Tupi-Português. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1967.

BIGONJAL-BRAGGIO, S. L. Contribuições da linguística para o ensino de línguas. Goiânia:

UFG, 1999.

BOSI, A. *Dialética da Colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRÁGGIO, S. L. B. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. *Revista do Museu Antropológico*. V. 5/6, n. 1, p. 9-53. Goiânia: 2001-2002.

CARVALHINHOS, P. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso. São Paulo: *Revista USP*, n. 56, p. 172-179, dez./fev. 2002-2003.

CASTRO, M. C. D. de. Sobre a natureza dos nomes próprios toponímicos. *Revista Signótica*. Goiânia, v. 21, p. 391-416, 2009.

D'ABBEVILLE, C. História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão. Apresentação Mário Guimarães Ferri. Trad. Sérgio Milliet. Notas de Rodolfo Garcia. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975 [1612-1614].

### **COMPLEMENTAR:**

DICK, M. V. do A. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

\_\_\_\_\_. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: FFL/USP, 1992.

FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*. 14. ed. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. V. 2. Imprensa Oficial. Recife. Brasil, 1966.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento Selvagem*. São Paulo: Papyrus, 2008.

LOPES, N. *Dicionário escolar afro-brasileiro*. São Paulo: Selo Negro, 2006.

MALIGHETTI, R. *O Quilombo de Frechal: identidade e trabalho de campo em uma comunidade brasileira de remanescentes de escravos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

MORAIS, R. de. *Cultura brasileira e educação*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

NAVARRO, E. A. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. 3. ed. São Paulo: Global, 2005.

RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

RIBEIRO, F. de P. *Memórias dos sertões maranhenses. Reunidas aos cuidados de Manoel de Jesus Barros Martins*. São Paulo: Editora Siciliano, 2002 [1815; 1819; 1819].

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. 4. ed. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, (1955 [1901]).

SAPIR, E. *A Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

\_\_\_\_\_. *Selected Writings in Language, Culture, and Personality*. London:

University of California Press Ltda., 1985.

TIBIRIÇÁ, L. C. Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: significado dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço, 1997.

### ❖ **TEORIA DA COMUNICAÇÃO (NL) – 60h**

Comunicação: Conceito e Histórico. Visão Sistemática. A Comunicação e a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia. Comunicação e Semiologia. Teoria da Linguagem, Processo Signífico: Níveis Sintáticos, Semânticos, Pragmáticos e as Formas de Comunicação no Mundo Atual.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **BÁSICA:**

ANDRADE, Maria Margarida de & MEDEIROS, João Bosco. Comunicação em Língua Portuguesa. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

BELTRÃO, Luiz & QUIRINO, Newton de Oliveira. Subsídios para uma teoria da comunicação de massa. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

BERLO, David Kenneth. O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

##### **COMPLEMENTAR:**

BORDENAVE, Juan E. Diaz. Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 8. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 2006.

HOHLFELD *et alii*, Antônio. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Os meios como extensões do homem. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

NEIVA Jr., Eduardo. Comunicação: teoria e prática social. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PEREIRA, José Haroldo. Curso básico de Teoria da Comunicação. Rio de Janeiro: Quartet: Universidade, 2001.

### ❖ **LÍNGUA INGLESA INSTRUMENTAL (NL) – 60h**

Ênfase na leitura. Utilização de estratégias eficientes que capacitem o aluno a ler com compreensão textos em inglês sem auxílio de dicionário.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

##### **BÁSICA:**

GEFFNER, andrea B.. Como escrever melhor cartas comerciais em inglês. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GUANDALINI, Eiter Otávio. Técnicas de Leitura em Inglês: Estágio 1. São Paulo: Textonovo, 2004.

MUNHOZ, Rosângela. Inglês instrumental: estratégias de leitura I. São:Paulo:Textonovo, 2002.

**COMEMENTAR:**

SWAN, Michael; WALTER, Catherine. How English works. Oxford: Oxford University Press, 2009.

LONGMAN. Dicionário Escolar para Estudantes Brasileiros. Português-Inglês/Inglês-Português. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011.

❖ **METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA (NL) – 60h**

Os PCN e o Ensino de Língua Portuguesa. Análise Linguística: uma Reflexão sobre o Ensino de Língua na Escola. Ensino de Língua e ensino de Literatura: uma dimensão interdisciplinar. O Livro Didático e o Ensino de Língua Portuguesa.

**BIBLIOGRAFIA**

**BÁSICA**

BAGNO, Marcos. Preconceito lingüístico – o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. (2001) Português ou Brasileiro? Um Convite à Pesquisa. São Paulo: Parábola.

CLEMENTE, E. e KIRST, M. (orgs.). Lingüística aplicada ao ensino de português. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

GERALDI, João Wanderley (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997. \_\_\_\_\_. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LUFT, Celso P. Língua e liberdade. São Paulo: Ática, 1993. NEVES, Maria Helena de M. Gramática na escola. São Paulo: Contexto, 1990.

**COMPLEMENTAR**

PERINI, Mário A. Para uma nova gramática do português. São Paulo: Ática, 1985. \_\_\_\_\_. Sofrendo a gramática – ensaios sobre a linguagem. São Paulo: Ática, 1999.

SOARES, Magda. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1990.

TEMPO BRASILEIRO. Sociolingüística e ensino do vernáculo. 78/79. jul. - dez. 1994.

TRAVAGLIA, Luiz C. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1o. e 2o. graus. São Paulo: Cortez, 1996.

❖ **HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA (NL) – 60h**

Cultura Indígena: Mito ou Realidade. Bases Históricas da Cultura Indígena, Ideologia e Visão da Cultura Indígena Brasileira. Estrutura Histórica e Social da Cultura Indígena Nacional e Cultura Indígena Regional.

**BIBLIOGRAFIA**

**BÁSICA**

ASSOCIAÇÃO CARLO UBBIALI. Os índios do Maranhão: o Maranhão dos índios. São Luis-MA: Instituto EKOS, 2004.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1996.

VILLARES, Luiz Fernando. Direito e povos indígenas. Curitiba-PR: Juruá, 2009.

**COMPLEMENTAR**

ARAÚJO, Ana Valéria et al. Povos indígenas e a Lei dos “Branços”: o direito à diferença. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada: LACED/Museu Nacional, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação, Referencial nacional para as escolas indígenas. 2. ed. Brasília-DF: MEC/SECAD, 2005.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Parâmetros em ação - Educação Escolar Indígena: Brasília-DF: MEC/SEF, 2002.

COELHO, Elizabete Maria Bezerra (Org.). Estado multicultural e políticas indigenistas. São Luis-MA: EDUFMA, CNPq, 2008.

GOMES, Mércio Pereira. O índio na história: o povo tenetehara em busca da liberdade. Petrópolis- RJ: Vozes, 2002.

GRUPIONE, Luis Doniset Benzi (Org.). Educação escolar indígena. As Leis e a Educação Escolar Indígena. 2. ed. Brasília-DF: MEC/SECAD, 2005.

LUCIANO, Gersem dos Santos. O índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os provos indígenas no Brasil de Hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada: LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. A presença indígena na formação do Brasil: Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada: LACED/Museu Nacional, 2006.

SILVA, Aracy Lopes da e FERREIRA. M.K.L.(orgs.) Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001. \_\_\_\_\_, Aracy Lopes da. Índios. São Paulo-SP: Ática, 1988.

#### ❖ **PROJETOS DE PESQUISA (NL) – 60h**

Trabalho científico: Tipos e etapas. Estruturação do projeto de pesquisa. Planejamento e fundamentação do projeto de pesquisa. Coleta e análise dos dados. Redação preliminar do relatório.

#### **BIBLIOGRAFIA**

##### **BÁSICA**

KÖCHE, José Carlos. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1991. 270 p. SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 13. ed. São Paulo: Cortez, 1986. 237 p. Referências Complementares:

##### **COMPLEMENTAR**

BOAVENTURA, Edivaldo M.. Como ordenar as idéias. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.  
CHASSOT, Ático. A ciência através dos tempos. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004. MEDEIROS,  
João Bosco. Correspondência: técnicas de comunicação criativa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1989.  
MEDEIROS, João Bosco. Manual de redação e normalização textual: técnicas de editoração e  
revisão. São Paulo: Atlas, 2002.  
SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Ética. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

## 6.7. PRÁTICAS COMO COMPONENTE CURRICULAR INVESTIGATIVO

A pesquisa constitui-se ação fundamental ao processo de formação do graduado, na medida em que promove o aprofundamento nas temáticas específicas relacionadas a cada área de estudos e possibilita-lhe ultrapassar os limites das disciplinas. A articulação do ensino com a pesquisa e extensão cria mecanismos que permitem a autonomia na produção do conhecimento, assim como possibilitam um interrogar sobre a realidade de modo crítico e permanente no caso, os problemas são de natureza linguística.

A título de exemplo, atualmente, há uma ênfase nos estudos e pesquisas em torno da problemática da leitura e da escrita, da formação de leitores, da produção e recepção de textos literários e não literários. Logo, o currículo deve expressar pressupostos da maior importância: domínio na metalinguagem, da análise crítica dos fenômenos linguísticos e literários e capacitação para a pesquisa que deem conta desses entraves de acordo com o que recomenda as diretrizes elaboradas pela Lei n.º 1086/2004.

A pesquisa, nessa perspectiva, deve contrapor-se à fragmentação de conteúdos de Língua Portuguesa ou Inglesa e de Literaturas, à dicotomia teoria e prática. Para tanto, todo o corpo docente deve agendar em suas respectivas disciplinas um conjunto de atividades que potencializem as experiências dos alunos para o processo de iniciação científica. Afinal, como afirma Paulo Freire<sup>23</sup> é necessário transitar da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica.

Quando à extensão, entende-se que são atividades decorrentes de ensino e das linhas de pesquisas desenvolvidas em cada curso, de modo que a Universidade e comunidade estreitem suas relações. Esse diálogo permite romper o confinamento que caracteriza a docência no ensino superior, ao mesmo tempo em que abre possibilidades para o futuro profissional interagir com a realidade, inserir-se no processo de aprender a aprender, bem como adquirir uma atitude investigativa, sob a ótica da interdisciplinaridade.

Assim, entende-se que a revitalização do ensino no Curso de Letras passa pelo desenvolvimento de projetos nas seguintes linhas de pesquisa:

Linguística – implicações do processo de letramento;

Língua Portuguesa – dificuldades do processo de formação de leitores e de produtores de textos;

Literatura – análise do processo de recepção de texto e pesquisa de caráter histórico literário e montagem de acervo;

Uma vez determinadas as linhas de pesquisa, pretende-se criar Núcleos de Estudos para sistematizar as atividades de investigação em duas linhas gerais: Língua e Literatura. Os Núcleos serão coordenados por um professor do CESCO de cada área de concentração, com a participação de alunos e professores que atuam em escolas da rede pública, de modo a articular-se também com as atividades de extensão.

Para programar essas ações, algumas medidas tornam-se indispensáveis, a saber:

✓ Estimular a participação dos alunos nos projetos, inscrevendo-os em bolsas de iniciação científica;

✓ Articular com os alunos a realização de eventos seminários, Oficinas temáticas;

✓ Diminuir o número de disciplinas, geralmente três por semestre, daqueles professores envolvidos com projetos de pesquisas;

✓ Estimular a participação de eventos regionais e nacionais numa interação teoria e prática;

✓ Consultar outras IES para assessoramento no desenvolvimento dos núcleos e dos projetos e para troca de experiências;

✓ Garantir um espaço físico para a instalação dos Núcleos de Estudos;

Buscar financiamento junto às instituições públicas e privadas, para o desenvolvimento dos projetos.

## 6.8. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

O Curso de Letras tem como uma das atividades curriculares o estágio, desenvolvido em escolas públicas da rede municipal e estadual de ensino com carga horária dentro do previsto na LDB 9394/96 e nessa proposta, de conformidade com o Parecer CNE/CP 28, de 10/10/2001 e Resolução CNE/ CP2/2002.

O Estágio Curricular Supervisionado constitui um momento impar para o graduando interagir com a realidade do contexto educacional, inserindo-se em situações concretas de articulação entre teoria e prática.

O estágio, no Curso de Letras, segundo as Normas Gerais do Ensino de Graduação e Normas complementares, consta de aulas ministradas nos níveis Fundamental e Médio, sob a coordenação e acompanhamento do professor. Pretende-se renovar as ações de estágio sistematizado de atividades como a realização de Feiras de Literatura, Oficinas de Leitura além de outras Atividades Acadêmico-Científico-Culturais, articulação de eventos que contemplam a clientela trabalhada a criar hábitos de vivência literária como parte integrante da vida social e conhecimento do próprio homem.

#### 6.9. ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS

A Resolução Nº 276/2001 – CEPE / UEMA e a Resolução CNE/CP2/2002 disciplinas a AACC. O Curso de Letras Licenciatura, desenvolve na forma de outras atividades ao currículo, ações permanentes que visam mobilizar todos os docentes e discentes para a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem. Os professores de Língua Portuguesa, e Literatura, devem incentivar seus alunos a apresentarem trabalhos científicos em seminários e congressos, bem como a realizarem pequenos projetos que apontam para a criação, ainda que incipiente, de uma cultura da produção do conhecimento e o desenvolvimento da autonomia intelectual do discente. Para tanto, sugere-se a gravação de um CD da Poesia, com a participação dos alunos recitando poesias de Carlos Drummond de Andrade, Gonçalves Dias, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, dentre outros. A edição de artigos escritos pelos alunos e publicados em jornal tem sido estimulada a partir da disciplina de Língua Portuguesa IV, como também a realização de exposição de trabalhos científicos que versam sobre a influência do tupi e africana na Língua Portuguesa.

A partir de informações sobre teoria da comunicação, pode se realizar pesquisa sobre os meios de comunicação culminando com passeios a vários órgãos, em São Luís, como: Sistema Difusora de Comunicação, jornal o Estado do Maranhão, rádio Educadora e Teatro Artur Azevedo. A partir das disciplinas literatura portuguesa e prática curricular de letras os alunos devem criar informativos, onde estará expressa a opinião dos alunos acerca dos parâmetros curriculares nacionais da Língua Portuguesa. Com atividades complementares a licenciatura em letras contará, com a realização de eventos simpósios e encontros regionais e nacionais. Enquanto programa oficial do ministério da cultura, O PROLER, criado desde

1992, tem as seguintes diretrizes norteadoras para incentivar a formação de leitores. Diversidade de ações e modos de leitura que se manifestam nas práticas de leitura promovida nos locais e instituições de âmbitos variados; nos diversos gêneros textuais; nas atividades organizadas e nas especificidades do ato de ler, entendendo que atos de leituras e suas linguagens exigem modos e competências específicas.

#### 6.10. OUTRAS ATIVIDADES CURRICULARES

O Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Colinas- CESCO, vem trabalhando de forma parcial as Atividades Acadêmico Científico-Culturais no sentido da pesquisa e extensão. Porém mesmo com as dificuldades que permeia o Curso, tem-se conseguido desenvolver atividades de pesquisa e extensão. O curso desenvolve anualmente a Semana de Letras, que já faz parte do calendário acadêmico da UEMA e, é uma atividade que proporciona o desenvolvimento de atividade de pesquisa e da extensão, já que a atividade é a oportunidade de mostrar resultados de pesquisas com a comunidade e promover discussões, apresentar possibilidades de melhoria do que foi detectado na pesquisa. Ainda trabalhar com a comunidade dentro e fora do muro do Centro, por meio de Oficinas Pedagógicas como resultante de Pesquisas extensiva à comunidade e Cursos de Extensão objetivando colaborar com as escolas de Nível Médio na ampliação dos conhecimentos e habilidades dos estudantes com a linguagem. Voltado para conhecimentos que são relevantes para o público alvo, na grande maioria professores e alunos da rede estadual e municipal de ensino.

#### 6.11. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSOS – TCC

A elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso como componente de integralização do Curso da Graduação é indispensável. De acordo com o cap. VI da Norma Gerais do Ensino de Graduação da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA Art. 89, o TCC será de autoria de acadêmicos e poderá se constituir-se no caso da Licenciatura, de Proposta Pedagógica, Produção de Trabalho Monográfico e Produção e defesa de Relatórios de Estágio que demonstre a cientificidade da relação teoria e prática desenvolvida no currículo, igualmente na produção do relatório da monitoria.

## **7. RECURSOS HUMANOS**

O Curso de Letras do Centro Superiores de Colinas- CESCO possui um quadro de professores seletivados com um regime de trabalho semanal, sendo 04 (quatro) professores especializados e 01 (um) Mestre. O processo seletivo foi realizado em São Luís pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA. Entretanto a nova gestão já sinalizou o concurso público para o ingresso na carreira do magistério superior para o Centro.

## 7.1. DOCENTE

CURSO: LETRAS HABILITAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LINGUA PORTUGUESA								
NOME	REGIME			TITULAÇÃO	SITUAÇÃO FUNCIONAL		DISCIPLINA	ASSINATURA
	20 H	40 H	TID E		CONTRATO	EFETIVO		
Ana Késia Monteiro Reis Siqueira				Graduada em Letras-Português, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa	X		<ul style="list-style-type: none"> <li>* Análise do Discurso</li> <li>* Literatura Africana</li> <li>* Literatura Brasileira das Origens ao Romantismo</li> <li>* Leitura Brasileira do Realismo ao Modernismo</li> <li>* Literatura Portuguesa do Romantismo ao Realismo</li> <li>* Teoria Literária</li> </ul>	
João Acácio Alves Aguiar Pavão	X			Graduado em Pedagogia habilitação em Administração Escolar e Pós-graduada em Informática da Educação	X		<ul style="list-style-type: none"> <li>* Filosofia da Educação</li> <li>* Metodologia Científica</li> <li>* Psicologia da Aprendizagem.</li> <li>* Didática</li>   <li>* Estágio supervisionado</li> </ul>	

Fernando Oliveira Piedade	X			Mestre em Direitos Sociais e Políticas Públicas Graduação em Letras Especialização em Linguística e Língua Portuguesa e Metodologia do Ensino da Língua Espanhola	X		* Fundamentos da Linguística  * Trabalho de Conclusão de Curso  * Sociolinguística	
Patrícia Kelly Neres Fernandes	X			Graduada em Letras- Português, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	X		* Literatura Africanas de Língua Portuguesa  * História da Literatura	

7.2. CORPO TÉCNICO ADMINISTRATIVO

<b>CORPO TÉCNICO ADMINISTRATIVO</b>				
<b>NOME</b>	<b>FUNÇÃO</b>	<b>GRADUAÇÃO</b>	<b>TITULAÇÃO</b>	<b>ASSINATURA</b>
Maria Helena Ribeiro Pereira	Diretora de Centro	Graduada em Pedagogia	Especialista em Gestão Pública .	
Francisca Pereira da Silva Meneses	Diretora de Curso	Graduada Letras	Especialista em Educação do Campo; Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa	
Maria de Jesus Ramos de Souza	Secretária do Curso de Letras	Graduada Letras, e Especialista em Língua Portuguesa e Lit. Brasileira, Gestão e Supervisão Escolar e Técnico em Serviços Públicos.	Especialista em Língua Portuguesa e Lit. Brasileira.	

## 8. ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS

O Acervo conta com a Biblioteca do Centro com 94 exemplares do Curso de Letras e 53 exemplares do Núcleo Comum com disciplinas pedagógicas e contará ainda com títulos da Biblioteca Municipal de Colinas.

<b>Nº</b>	<b>TITUTLO DO LIVRO</b>	<b>AUTOR (ES)</b>	<b>EDIÇÃO</b>	<b>QTD E VOL.</b>
01	Língua Portuguesa do séc. XXI sob o Enfoque historiográfico.	Sonia Maria Nogueira	1ª ed. – 2015	06
02	Educação Escolar: Políticas, Estrutura e organização.	José Libâneo, Ferreira de Oliveira e Nirza Seabra Toschi	2010	16
03	A importância do ato de ler	Paulo Freire	2009	06
04	Oralidade, Texto e História.	Alberto Lins Caldas	1999	06
05	LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	MEC- Ministério da Educação/ Demerval Saviane	2010	04
06	Português Instrumental	Martins FilberKnop	2010	04
07	Psicogênese da Língua Escrita	Emilia Ferreira, Ana Tebersky	1999	06
08	Metodologia do ensino da língua portuguesa	Maria Lucia de Castro Gomes	2007	06
09	Roma e os romanos	Henri Bornecque	1995	01
10	Ironia e Humor na Literatura	Lelia Pereira Duarte	2006	01
11	Didática do Ensino Superior	Antonio Carlos Silva	2011	06
12	Oficina de redação	Leila Lamour Sarmiento	2006	06
13	Gramática histórica	Ismael de Sousa Coutinho	2011	01
14	Psicologia da educação	César Coll Salvador	1999	06
15	Psicologia da educação	Paulo Roberto Moreira	1996	04

## **9. INFRAESTRUTURA DO CURSO**

O Centro de Estudos Superiores de Colinas – CESCO/UEMA, atualmente, encontra-se em prédio adquirido por meio de Convênio, que entre si celebram a Universidade Estadual do Maranhão-UEMA e o Município de Colinas que tem por finalidade a realização de intercâmbio de atividades e de pessoal, em programas e projetos de cooperação mútua para o funcionamento do Centro, onde são ministrados curso de nível superior nas áreas de Saúde e Educação. Seu espaço é adequado segundo o Conselho Estadual de Educação CEE, tendo sido um dos itens favoráveis a aprovação do curso até 2015. No ano de 2010, foi realizado através do Programa de Acesso ao Ensino Superior- PAES ofertando 30 (trinta) vagas universais. Em 2011, foi reofertado com o objetivo de complementar a turma de 2010. No PAES/2013 foram oferecidas 30 (trinta) vagas, tendo sido todos classificados. O último vestibular aconteceu em 2014, ofertadas 30(trinta) vagas e classificados 30 candidatos que estão cursando o 1º período.

O Curso tem sido inscrito no ENADE/MEC, no ano de 2012, mas os alunos concludentes foram dispensados da prova. Em 2014, os acadêmicos do 8º período realizaram a prova do ENADE/MEC, como aconselha a Legislação Nacional, porém os resultados ainda não foram divulgados.

### **9.1. SALA DE AULA**

O Centro conta com 06 salas de aulas disponíveis, nas quais são ministradas as aulas dos cursos de Letras com três turmas, funcionando no turno noturno, e Enfermagem Bacharelado com 02 turmas no turno diurno. No curso de Letras há atualmente 75 alunos regularmente matriculados.

### **9.2. SALA DE PROFESSORES**

Na sua estrutura, o prédio conta com uma sala de professor climatizada destinada a articulação de atividades coletivas e reuniões.

### **9.3. SALA DE DEPARTAMENTO**

Não temos departamento no centro.

#### 9.4. SALA DE DIREÇÃO DE CURSO

A sala de Direção do Curso é climatizada, equipada com computador, internet, viabilizando a dinâmica que o ensino atualmente vem exigindo, rapidez nas informações, além do elo com a própria Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, num sistema interligado de comunicação.

#### 9.5. OUTROS ESPAÇOS UTILIZADOS PELO CURSO

Além dos espaços mencionados, contamos com um Auditório com capacidade para 200 pessoas; um Pátio com espaço suficiente para o desenvolvimento de atividades didáticas e culturais; possui uma Biblioteca com acervo bibliográfico que atende as necessidades dos Cursos. Conta-se com um laboratório de informática, 01 (um) laboratório de Enfermagem. Possui 05( cinco) banheiros femininos,04 ( quatro) masculino, 01 (um) para portador de necessidades especiais, 01 (um) para professores. Possui ainda uma cantina e uma sala para Web Conferência.

### **10. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos últimos anos, a universidade pública brasileira encontra-se diante de uma série de questões criadas numa conjuntura de autocrítica e de pressões sociais advindas da sociedade nos mais diversos setores.

Com efeito, os problemas das universidades públicas do Brasil fazem urgir a necessidade de reformas estruturais. Daí, a importância do Projeto Pedagógico do Curso de Letras, repensar tal graduação, detectando os sucessos e falhas do currículo, e discutir ações que favorecem a relação entre as partes que compõem o mencionado curso, num contínuo processo regular de avaliação. A fim de ampliar o horizonte de suas atividades, o Curso de Letras vem estendendo seus trabalhos de extensão e pesquisa, buscando envolver a sociedade Colinense e, particularmente, os acadêmicos, num ritmo de realizações que lhe ofereçam perspectivas mais promissoras para o futuro. Como prescrito na Lei n.10.861/2004, que institui o SINAES - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior.

Imbuídos desta meta, encaminhamos o Projeto Pedagógico do Curso, partindo do contexto histórico e geográfico da UEMA- Universidade Estadual do Maranhão e do Maranhão, suas potencialidades produtivas e suas necessidades de mão de obra qualificada. Abordando questões de bases estruturais como questões curriculares, o perfil profissional e recursos humanos e matérias, montando os objetivos do curso a partir da legislação vigente.

Nosso Projeto Pedagógico de Curso, portanto, quer fazer um convite para que os alunos, professores e funcionários coloquem seus olhares reflexivos sobre o curso de Letras, como também, tomar conhecimentos sobre o que é possível fazer e o que efetivamente fará no sentido de transformar a sociedade, maximizando os objetivos propostos.

As partes contidas neste projeto tentam abarcar os pontos necessários para suscitar reflexões acerca do Curso de Letras, é a identidade formal e moral e, também, o caminho que buscamos trilhar na contemporaneidade no uso da Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (org) leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COCE.Campinas,SP:mercado de letras, 1995

FILHO, Paulo Bragatto. Pela leitura literária na escola de 1º grau São Paulo: Ática, 1995.

CARVALHO, José Augusto.Por uma política do ensino da língua.Porto Alegre : Editora. Mercado Aberto,1988.

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec1990.

CANDIDO, Antonio, literatura e sociedade. São Paulo: T.A Quieroz/publifolha, 2000.

DEMO, Pedro, a nova LDB:ranços e avanços,Campinas,papirus,1997.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação:uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.SãoPaulo,Editora Moraes 1980.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: sabemos necessários á prática educativa.Rio de Janeiro,Editora Paz e Terra,1999.

GERALDI. João Wanderlei. Porto de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_.Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação.

Campinas, SP:Mercado de letras,1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

DUARTE, Ana Lucia Cunha. Guia de Orientação sobre Elaboração de Projeto Pedagógico de Curso. São Luís: EDUEMA, 2014

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles, leitura:produção de textos

Campinas, SP: Mercado de Letras,editora autores associados, 1994.

PARÊMENTROS CURRICULARES NACIONAIS: LÍNGUA PORTUGUESA. Secretaria de educação fundamental/MEC.Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_:LÍNGUA PORTUGUESA:TERCEIRO E QUATRO CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL,SEF/MEC, 1998

PERRENOUD,Philippe. Dez novas competências para ensinar. Trad. Patrícia Chittoni.Ramos: Porto Alegre: artes médicas sul,2000.

REFERENCIAIS PARA FORMÇÃO DE PROFESSORES, SEF/MEC.Brasilia,1999.

REGO, Teresa Cristina Vygotsky:uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: editora vozes,1994.

SALTO PARA O FUTURO: Construindo a escola cidadã,projeto político-pedagogico/secretaria de educação a distância,Brasília:ministério da educação e do desporto, SEED,1998.

SOUSA, Paulo Nathanael Pereira de LDB e ensino superior: estrutura e funcionamento. São Paulo:pioneira, 1997.

UEMA/PROGAE. Plano uemiano de graduação-2000-2003. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2000.

\_\_\_\_\_ Do pessimismo da razão para o totemismo da vontade: referenciais para a construção dos projetos pedagógicos nas IES brasileiras. São Luís: UEMA, 1999, V. I.

\_\_\_\_\_ O Currículo como expressão do projeto pedagógico: um processo flexível São Luís: UEMA, 2000, V.2.

\_\_\_\_\_Projeto pedagógico dos cursos de graduação: guia prático de redação, São Luís: UEMA, 2000, V 3.

\_\_\_\_\_ Projeto de avaliação institucional. São Luís: UEMA, 2001, V 4.

\_\_\_\_\_ Estatuto-UEMA.São Luís, 1997.

\_\_\_\_\_ Regimento dos centros de ciências e de estudos superiores/Universidade Estadual do Maranhão. São Luís,1998.

VYGOTZKY, LS. Pensamento e linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

IBGE, Sinopse do Senso Demográfico 2010. Instituto Brasileira de Geografia e Estatística, Brasília: DF. 2010.

## APÊNDICES

## ANEXOS